

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE HISTÓRIA

JOÃO PAULO ARAÚJO

Heavy Metal no Brasil

Música e desenvolvimento cultural dos jovens na década de 1980

Natal/RN

2011

JOÃO PAULO ARAÚJO

Heavy Metal no Brasil

Música e desenvolvimento cultural dos jovens na década de 1980

Monografia apresentada como requisito para conclusão do Curso de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no semestre letivo 2011.1.

Professor orientador:

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

Natal/RN

2011

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que torna tudo possível em minha vida. Aos meus pais, pelo suporte e apoio em minhas decisões no decorrer da minha vida. Irmãos, Victor, Emylle e Emanuel, me aturando o dia inteiro ouvindo *heavy metal* e minhas piadas sem graça. Aos meus amigos, por estarem presentes quando precisei do apoio moral.

Um agradecimento mais do que especial à minha namorada, Bruna, por me agüentar nos momentos difíceis, na minha vida acadêmica, na hora de ler meus trabalhos e me ajudar em tudo que foi necessário.

Ao meu orientador, Durval Albuquerque, por aceitar me dar todo o suporte acadêmico necessário, lendo, indicando, corrigindo, etc. À professora Aurinete Girão, por ajudar nas normas técnicas desta monografia.

RESUMO

ARAÚJO, João Paulo. **Heavy Metal no Brasil**: Música e desenvolvimento cultural dos jovens na década de 1980. Monografia apresentada ao Departamento de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011.

O *heavy metal* é um segmento musical que surgiu na sociedade ocidental no final da década de 60. Teve influências do movimento da contracultura, *rock and roll* e blues, criando uma série de tendências e modismos usados pelos jovens entre 13 e 25 anos. No Brasil essa tendência ganhou seu próprio perfil e, de uma maneira peculiar, surgiram bandas que cantavam em português e chocavam a sociedade conservadora em um contexto histórico marcado pelo desequilíbrio econômico da década de oitenta. Em 1985, a realização do Rock in Rio torna-se um marco na história do *heavy metal* no Brasil, as bandas começam a deixar o português como língua em que compunham e cantavam suas canções e passam a adotar a língua inglesa. Dessa forma, tem início um período de transformação no perfil das bandas que surgiram nesse período, resultando, inclusive, que algumas bandas brasileiras terminaram por se tornarem importantes referências para o metal no panorama mundial.

Palavras chave: História; Música; *Heavy Metal*; Cultura

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Imagem da banda Sepultura retirada da Revista Metal, de circulação nacional entre os anos 1984 e 1989	11
Figura 02: Banda Kreator	11
Figura 03: Rock in Rio I, 1985	44
Figura 04: <i>Release</i> (liberação do material da banda) da extinta banda Devastação, de Natal/RN	53
Figura 05: Um <i>stage diving</i> no Show da banda paulista Viper, em 1988.....	55
Figura 06: <i>Session</i> em P.J.....	56
Figura 07: Logomarca do grupo Azul Limão.....	69
Figura 08: Integrantes do grupo Azul Limão.....	69
Figura 09: Logomarca da banda Dorsal Atlântica.....	71
Figura 10: Integrantes da banda Dorsal Atlântica.....	71
Figura 11: Capa do primeiro álbum da banda Dorsal Atlântica, de 1986.....	74
Figura 12: Logomarca da banda Korzus.	76
Figura 13: Banda Korzus em sua formação inicial	77
Figura 14: Logomarca da banda Ratos de Porão	79
Figura 15: Logomarca da banda Holocausto.....	83
Figura 16: Valério "exterminator" (guitarra).....	84
Figura 17: Anderson "guerrilheiro" (baixo).....	84
Figura 18: Armando "Nuclear Soldier" (bateria).....	84
Figura 19: Rodrigo "Führer" (voz).....	84
Figura 20: Capa do disco "Campo de Extermínio", lançado pelo selo Cogumelo Records em 1987.....	85

LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

CD – *Compact Disc*

DVD – *Digital Versatile Disc*

EP – *Extended Play*

EUA – Estados Unidos da América

LP – *Large Play*

MPB – Música Popular Brasileira

NWOBHM – *New Wave of British Heavy Metal*

OPEP – Organização dos Países Exportadores de Petróleo

PDT – Partido Democrático Trabalhista

PP – Partido Progressista

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

RN – Rio Grande do Norte

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

Resumo

Lista de Figuras

Lista de Siglas e Abreviações

Introdução.....	08
1. História do <i>Rock</i>, Contracultura e Movimentos Sociais	13
1.1 Onde tudo começou	13
1.2 Contexto Histórico em que o <i>Rock</i> se inseriu.....	18
1.3 O Surgimento da Cultura Jovem e a Guerra Fria	19
1.4 A música como instrumento de protesto dos jovens.....	24
1.5 A crise da família ocidental	28
1.6 A história do <i>Heavy Metal</i>	33
2. O <i>Heavy Metal</i> no Brasil: surgimento, cultura <i>headbanger</i> e as primeiras bandas.....	40
2.1 O desenvolvimento da Cultura <i>Heavy Metal</i> no Brasil no Período da década de 80	40
2.2 O <i>Heavy Metal</i> brasileiro na década perdida dos anos 80	47
2.3 Vestimentas e a identidade do jovem que ouve <i>heavy metal</i>	56
3. O <i>Heavy Metal</i> nacional no contexto do fim da ditadura militar.....	61
3.1 As referências da primeira geração de bandas do <i>heavy metal</i> nacional...61	
3.2 As bandas que surgiram no Brasil antes do <i>Rock in Rio</i>	64
3.3 Análise das letras e do contexto em que elas foram criadas.....	65
4. Considerações finais	93
5. Referências bibliográficas.....	95

Introdução

O *heavy metal* influenciou uma sociedade jovem no Brasil e, a partir disso, criou sua própria identidade. Dessa identidade, surgiram bandas que cantavam ora em inglês ora em português e cujas letras tinham um cunho agressivo e impactante para as pessoas que o viam de fora.

Heavy metal, estilo musical inserido na categoria do *rock*, é conhecido pelo tom agressivo dos instrumentos, letras e posturas de quem escuta e faz a música. Um tipo de som mais denso em comparação com outros tipos de música, como o *Pop* americano ou o *Blues* (no geral é assim para os que não gostam desse estilo em particular). Mas onde surgiu o *heavy metal*? O que as letras das músicas falam e qual a proposta das bandas ao tocar um som mais agressivo? Qual o seu público? Mas se o *heavy metal* veio do *rock*, é interessante ver um pouco do início dele para, assim, chegar ao ponto chave desta monografia: Como foi o processo de formação das bandas de *heavy metal* no Brasil?

Vamos primeiramente classificar o *heavy metal* como um sub-estilo do *Rock* que surgiu com bandas como Black Sabbath, Deep Purple, Led Zeppelin, AC/DC, Kiss, dentre outras, entre o fim da década de 60 e o começo da 70. Essas bandas são consideradas as precursoras do “Rock Pesado”.

Segundo Paulo Chacon:

Rock é, portanto, e antes de tudo, som. Ao contrário de outras artes que nos tocam pelo mais racional órgão dos sentidos, que é a visão, a música nos atinge pelo mais sensível, que é a audição. (...) O rock é muito mais do que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma ótica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do processo de fusão (ou choque) com a cultura local e com as mudanças que os anos provocam de geração a geração. Mais polímorfo ainda porque seu mercado básico, o jovem, é dominado pelo sentimento da busca que dificulta o alcance ao porto da definição (e da estagnação...).¹

O *rock*, sendo assim, é um estilo marcadamente voltado pro público jovem que se molda aos seus diversos “tipos”, seja nas roupas, trejeitos, letras, posturas

¹ CHACON, Paulo. *O que é Rock?* Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 3 ed.

nos shows, posicionamento político e muitas vezes religioso. O *rock*, desde seus primeiros passos, foi associado à delinqüência, violência, drogas e bebedeiras. Nos Estados Unidos, por exemplo, Elvis “The Pelvis” – denominação atribuída ao cantor Elvis Presley em referência a seu rebolado, foi proibido de ser mostrado da cintura para baixo em programas de TV.

Proibido de ser mostrado no Ed Sullivan Show abaixo da cintura, Elvis logo representou, mesmo sem o querer, a vanguarda de um movimento do qual ele próprio não percebia o alcance. Dizendo não compreender qualquer possível relação entre delinqüência e música, Elvis declarou: “*Como o rock and roll poderia fazer alguém rebelde contra seus pais?*”. Elvis não via, portanto, o que fazia, e o Rock teria de esperar sua 2ª (sic) geração, sair de sua infância e entrar na adolescência, para que seus porta-vozes tivessem uma maior consciência da realidade.²

O *rock* começou nos Estados Unidos, mas, ele vai se desenvolver de fato no Reino Unido com bandas como Rolling Stones e Beatles no período final dos anos 50 e se estende até os anos 70, que é quando bandas mais pesadas como o Deep Purple trazem uma nova roupagem ao *rock*, sendo taxados de “o Rock Pesado” ou “*Heavy Rock*”. O certo é que o *rock* evoluiu muito durante pouco tempo, ficou mais pesado, cada vez mais ligado às questões sociais, como a guerra do Vietnã, às memórias da Segunda Guerra Mundial, movimento da contracultura, dentre muitos outros. Sua história coincide com uma época de relativa tranqüilidade sócio-econômica nos países centrais do capitalismo (EUA, Inglaterra, Alemanha, França e Itália). Considerando o período de 1953-73, os índices que tradicionalmente indicam o comportamento econômico do país como preços, inflação, desemprego produção e etc., eram os melhores níveis do século XX (para os países já citados anteriormente). Partindo dessa lógica, o *heavy metal* tem seu embrião no final da década de 60 e início da 70, com bandas que vão influenciar as dos anos 80, como Iron Maiden, da Inglaterra, o Slayer, dos Estados Unidos, dentre muitas outras.

A proposta é falar sobre o *heavy metal* e o processo em que as bandas começaram a se manifestar, bem como o público que aderiu a tal estilo musical no Brasil. Para isso, farei uso de algumas revistas da época (década de 80) que mostram as atitudes das bandas, e do sujeito “*headbanger*” que vai aos shows.

² *Ibidem.* p.11

Como as fontes para um estudo do rock no Brasil ainda são poucas, usarei as obras de Paulo Chacon (O que é Rock?) e do jornalista Tom Leão (Heavy metal: Guitarras em Fúria).

O motivo de escolher a década de 80 é por que nesse período houve o surgimento de muitas bandas de *heavy metal* no mundo todo, e, assim como o *rock* clássico dos Beatles, foram criticadas pela mídia, por setores sociais e pela religião cristã. O *heavy metal* também recebeu muitas críticas em decorrência de seu visual chocante, das letras das músicas, do som pesado, das guitarras arrastadas, que lembram muitas vezes uma marcha-fúnebre perturbadora, dentre outras coisas.

O visual, na verdade, nada mais é do que a maneira em que os *headbangers* ou metaleiros se identificam. Cabelos longos, calça jeans e camiseta preta com jaquetas de couro, geralmente com o slogan da sua banda preferida estampada nas camisetas ou “*pachs*”³ formam o típico *headbanger* dos anos 80. Imagem copiada por bandas brasileiras como forma de se identificarem num grupo: os que ouvem o estilo *Thrash*, ou os que ouvem o *Black Metal*, *Death Metal*⁴ e daí por diante. São essas roupas que formam a identidade e que vão diferir o que curte o *Punk Rock* do que curte o *Thrash*, por exemplo. Esses estilos se diferenciam, mas estão enquadrados no universo do *heavy metal*, sendo as temáticas das letras ou o “som” da banda que os classificam.

A identidade do *banger* faz parte das representações em que Roger Chartier fala em sua obra “A História Cultural: Entre Práticas e Representações”, onde o autor diz que as representações são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. E, dessa forma, pensar que em cada caso é necessário o relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. Assim, Chartier afirma que:

As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a

³ *Pachs* são os slogans das bandas feitos artesanalmente pelos fãs e que são costuradas geralmente em peças de roupas como jaquetas, calça ou mochilas.

⁴ O *Thrash*, *Death* e o *Black Metal*, são os variados estilos de *Heavy metal*.

*legitimar um projecto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.*⁵

Nas imagens abaixo (figuras 01 e 02), é possível observar duas bandas (a banda mineira Sepultura, e a banda alemã Kreator, respectivamente), que têm uma identidade muito parecida entre si, se olharmos apenas pela estética das roupas. O certo é que ambas fazem o mesmo tipo de som, o *Thrash Metal*.



Figura 01: imagem da banda Sepultura retirada da Revista Metal, de circulação nacional entre os anos 1984 e 1989

Fonte: <http://www.imagebam.com/image/ec46d937517784>



Figura 02: Banda Kreator

Fonte: <http://espetocore.blogspot.com/2009/11/4-kreator-metal-alemao.html>

Tomando por base os dois álbuns dessas bandas, que foram lançados em 1987, podemos ver semelhança no que diz respeito às temáticas abordadas. A banda Sepultura, com o álbum *Schizophrenia*, fala das guerras e conflitos psicológicos nas letras das músicas “To The Wall” e “Screams Behind the Shadows”, por exemplo. Já o Kreator, com o álbum *Terrible Certainty*, faz uma

⁵ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. p. 17

crítica à fé cristã na música Blind Faith (Fé Cega) e em outras letras fala do futuro da humanidade, tendo em vista o contexto histórico vivido – o final da Guerra Fria, na música “As The World Burns”, que traz o seguinte trecho: “*The war is here/ The Future Stops/ Existence ends/ Apocalypse will take our lives.*”. Traduzindo, temos a seguinte mensagem: “*A guerra está aqui/ O futuro pára/ A existência acaba/ O apocalipse levará nossas vidas.*”

Nesse sentido, pretendo no primeiro capítulo falar do surgimento do *rock* e do *heavy metal*, associando o *rock* com o movimento da contracultura e o *heavy metal* com a Guerra Fria. No segundo capítulo, será abordado o surgimento das bandas brasileiras e sua particularidade em relação ao *heavy metal* estrangeiro. Por fim, no terceiro capítulo, pretendo analisar algumas capas de discos e letras de músicas, procurando interpretar o que essas bandas tentavam passar com suas letras e todo o visual, tendo em vista que enquanto ditavam sua moda, essa também era uma maneira de vender o seu produto.

1 História do *Rock*, Contracultura e Movimentos Sociais

1.1 Onde tudo começou

Neste primeiro capítulo será abordada a história do *rock* e sua ligação com a cultura jovem emergente entre as décadas de 1950 e 1970. Com o surgimento de um novo seguimento mercadológico voltado para os jovens, a música se torna um produto de consumo bastante identificado com essa faixa etária. O *heavy metal*, por sua vez, aparece em meados da década de 1960 num período em que o *rock* está se desenvolvendo em outros países, como Inglaterra, vindo a se tornar a vertente mais radical do *rock* e ganhando um formato próprio. A pretensão daqueles que se dedicavam ao *rock* nesse período era de chocar a sociedade com uma postura totalmente diferente daquela usada nos primórdios do *rock*. O *heavy metal*, então, se torna não só um novo seguimento do *rock*, ele ganha sua própria identidade.

Sendo assim, é necessário começar entendendo como se deu o processo de formação do *rock*, em que contexto ele se insere e quem consome este novo estilo musical, que em poucos anos se desenvolve e toma muitas formas, percebendo também que a música será uma forma de expressão do pensamento desses jovens, que já não queriam mais se adequar ao que identificavam como sendo o sistema e as normas repressoras muitas advindas do cristianismo. Poder fazer o que antes era proibido era uma maneira de, no vocabulário da época, “balançar as estruturas” e mudar as “regras do jogo”.

A história do *rock* se inicia nos Estados Unidos no começo da década de 1950 do século XX. Não se tem uma data precisa sobre quem foi o primeiro grupo de *rock* ou o seu primeiro artista. O que se sabe é que alguns artistas impulsionaram a grande onda do *Rock and Roll* no mundo, como: Elvis Presley, The Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan, entre outros.

A sonoridade do *rock* surge a partir de formações e informações sonoras, advindas da música negra dos escravos africanos quando estes foram trabalhar nas plantações de algodão nos Estados Unidos e acabaram criando seus estilos musicais, como o *Jazz*, o *Blues* e o *Rhythmic heavy metal and Blues*. Estes seguimentos serviram de base para o *Rock* como é conhecido hoje.

Um pouco antes da década de 50, na primeira parte do século XX, uma sociedade juvenil negra estava para surgir na região do Mississippi, ao sul dos Estados Unidos. Eles entoavam um estilo de música rural conhecido como gospel. Várias igrejas protestantes iniciavam seus cultos, e seus fiéis, em sua maioria, eram negros convertidos que tinham se distanciado de suas tradições africanas, adotando nesse momento uma postura voltada para o protestantismo. A presença dos negros nessa região, por sua vez, se deu em função de uma grande concentração de imigrantes africanos ex-escravos que vieram para a América a partir do final do século XIX, já no final da escravidão. E é neste país (EUA), de colonização inglesa protestante, onde essa parcela de imigrantes africanos vai estabelecer suas novas raízes.

Surgiram, então, práticas e igrejas protestantes que, embora mantivessem suas raízes cristãs, traziam marcas culturais de matriz africana. É a partir de contextos como esse que, segundo o historiador francês Serge Gruzinski, o mundo hoje está repleto de mestiçagem, que veio fazendo uma mescla de culturas com os ameríndios nativos do continente americano resultado de uma “mundialização”. Nesse processo da mestiçagem, é importante tentar perceber que elas vieram de todas as partes do mundo, desde o continente africano, passando pela Europa e Ásia, e dessa forma constituindo uma multiplicidade étnica de escala mundial. Nos EUA, houve a miscigenação das diferentes etnias tais como, latinos, africanos, espanhóis e ingleses.

Entre práticas, símbolos e valores de inspiração nas culturas africanas com o culto caucasiano inglês/americano surgirá uma igreja de culto tradicional, com dança e música demarcadas por matérias e formas de expressão negras. Os instrumentos musicais vão sendo adaptados ainda no período da escravidão, e quando os escravos se tornam livres, desenvolvem um novo estilo musical com um ritmo novo relacionado ao cotidiano do negro trabalhador americano.

Esse novo ritmo foi se desenvolvendo ao longo dos anos com os cantos de trabalho dos negros, o seu lamento durante a escravidão, de modo que nessas novas igrejas protestantes sofreram uma adaptação aos seus cânticos, e a partir disso começou a surgir um contingente de músicos desenvolvendo um tipo de canção que articula louvor e música, que ficou conhecida mais tarde como *Blues*,

que começou a tomar forma e estilo, ganhando cada vez mais músicos e adoradores.

Num primeiro momento, este novo segmento musical ficou conhecido como *Spiritual/gospel*, para depois ser conhecido como *Rythym and Blues* e, por fim, ser chamado apenas de "*Blues*". O Blues surge como uma maneira de representar na música o cotidiano do negro nos celeiros e nas plantações de algodão dos Estados Unidos.

Robert Johnson foi um dos artistas que representou essa nova geração de músicos. Talvez pelo perigo representado pelo surgimento desse universo musical ligado aos negros, numa sociedade racista, esse artista negro foi acusado de declarar pacto com o demônio (lendas que eram criadas talvez para descaracterizar sua música e, assim, desqualificar o artista numa sociedade branca preconceituosa). Suas músicas possuem uma composição simples e fácil e por esta razão se tornou muito popular. Interessante notar que as composições eram feitas ainda para serem tocadas nas igrejas, mas, com o tempo isso foi mudando (o *blues* começa a ser tocado não só nas igrejas, mas em palcos de festas ficando fora do contexto espiritual cristão), fazendo com que existisse um tabu de tocar na igreja ou nos palcos, visto que os que tocavam em palcos eram tidos como pagãos. Com a adição das guitarras elétricas, o som se tornou mais moderno e, conseqüentemente, mais atrativo para outras camadas da sociedade, fazendo com que o *Blues* se torne um item de consumo e perca um pouco a sonoridade rural que o violão acústico dava⁶.

Toda uma geração de jovens que tinha na assiduidade da igreja não só uma forma de expressão de crenças religiosas, mas também uma forma de sociabilidade e até de passatempo e diversão, agora vão encontrar no *blues* outra maneira de entretenimento. Neste novo espaço, surgem as primeiras experiências e, com isso, uma aproximação da juventude com a arte. A característica desse novo estilo musical vai consolidar toda uma série de novos gêneros da musica que surgirão nas décadas seguintes (anos 30 em diante). No entanto, o *blues*

⁶ BARCELLOS, Jefferson Alves de. *Música e Imagem: o movimento punk e seus desdobramentos na década de 1990*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (Antropologia), da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP, 2008.

ainda continua sendo conhecido como a música rural feita de forma a atender um tipo específico de público, a população negra rural americana.

Este ritmo se desenvolveu em uma América mestiça e multiétnica, apesar das divisões raciais profundas, e sua musicalidade começou a mesclar-se com a cultura branca americana, projetando assim um novo seguimento musical: o *country*. O *country* vai fazer parte do dia-dia do pobre americano de pouca escolaridade e seu som vai unir as guitarras elétricas com a viola característica do *blues*.

O *blues* se caracterizava pelas suas melodias ora tristes, ora mais animadas, mas que sempre falavam da vida cotidiana dos negros e da sua luta diária. Este novo estilo musical tornou-se um modismo no começo da década de 50 e não só os negros tornaram-se consumir esse tipo de música, como também outras camadas da sociedade e outras etnias. O *rock*, assim como o *heavy metal*, são gêneros que foram fortemente influenciados pelo *blues* e pelo *country*:

Embora beba nas três fontes que comentamos, a verdade é que o Rock se embriagou mesmo foi de música negra. A pop e a country music forneceram elementos que impediram que o Rock se transformasse apenas na "versão branca do rhytheavy metal and blues" e criasse assim sua própria proposta. É nesse contexto que Alan Freed, um disc-jôquei de Cleveland, Ohio, percebeu que a música negra era um filão mercadológico consumível pelo branco desde que se trocasse o nome de rhytheavy metal and blues, demasiadamente negro, por algo mais branco: surgia assim o Rock and roll.⁷

Nesse sentido, o mercado musical nos Estados Unidos, através da música negra, começou a se expandir e trazer artistas como Bill Haley (inicialmente um artista *country*). Uma das coisas mais importantes para o artista decolar na sua carreira, na cultura musical americana da época, era as apresentações em palco. Um artista que não se movimentava bem no palco e que dava a seu público só suas músicas, precisava de algo a mais. Por isso Bill Haley, sendo gordo e, por esta razão, não conseguindo dançar ou realizar coreografias que interagissem com o público, teve dificuldade em se fixar nesse novo mercado fonográfico. O mercado precisava de um "branco" que cantasse e dançasse como um negro, já

⁷ CHACON, Paulo. *O que é Rock?* Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense. 3 ed. p.10

que Bill Haley não se enquadrava nos padrões para um astro do *rock* capaz de alcançar a sociedade jovem. O jovem precisava de um ídolo a ser seguido com um comportamento diferente, com roupas fora dos padrões e que ao mesmo tempo tivesse um teor de rebeldia. Surgiu, então, Elvis Presley, chamado de *The Pelvis*, pela movimentação frenética que fazia dos quadris quando se apresentava no palco. Elvis tocava o *rock* “versão branca” do *Rhytheavy metal and Blues* (CHACON, editora Brasiliense 3ª edição). No entanto, o Bill Haley and his comets, conhecido como o primeiro grupo de *Rock and Roll*, por ser um pouco velho e mais robusto, não se destacou numa cultura jovem e em ascensão, e é nesse sentido que Elvis, mais jovem, vai se destacar recebendo o título de “Rei do *Rock*”.

Dessa nova onda mercadológica fonográfica vão surgir não apenas artistas do *rock*, mas também muitos outros seguimentos musicais que vieram inspirados tanto pelo *blues* como pelo *country*. Daí vai surgir também um mercado consumidor voltado para a moda jovem, na qual a adesão a determinados estilos de roupas vão enquadrar o jovem num grupo social rebelde. No que diz respeito a essas novas vestimentas, as roupas sociais bem cortadas como ternos, gravatas e sapatos sociais foram substituídas ao longo do tempo pelas jaquetas de couro, calça jeans, cabelos com topetes e costeletas.

Nasce, portanto o *Rock and Roll*, com o Elvis, (não esquecendo Bill Haley and his Comets, com a musica *Rock around the clock* e muitos outros que contribuíram para o crescimento e amadurecimento deste novo estilo musical) como um grande representante deste seguimento musical. Seu sucesso não ficou apenas nos Estados Unidos. O *rock* agora vai ser ouvido em toda parte do globo. Em se tratando do contexto histórico da época do surgimento do *rock*, o mundo nesse período da década de 50 estava marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial e pelo começo da Guerra Fria. É importante também frisar que esse *rock* da década de 50 é mais “comportado” em relação aos artistas que vão surgir nas décadas de 60 e 70. O visual do roqueiro dos anos cinqüenta ainda é bastante tradicional, ele usa ternos, gravatas, cabelos arrumados, maquiagem, ou seja, ele não tinha nada de rebelde. Suas letras falavam do cotidiano jovem de classe média, de paqueras, amores platônicos etc.

1.2 Contexto Histórico em que o Rock se inseriu

A Segunda Guerra Mundial mal tinha acabado e o mundo já mergulhava num período de tensões entre EUA e URSS. O conflito entre as duas potências dura 45 anos. Dentro desse tempo, as mudanças na sociedade capitalista são diversas. Em menos de vinte anos a estrutura familiar e as práticas religiosas sofrem intensas mudanças. A família, no sentido ocidental (casal e filhos) se modifica com a adoção por vários países da legalização do divórcio, apesar da oposição da Igreja Católica.

A Guerra Fria entre EUA e URSS, que dominou o cenário internacional na segunda metade do Breve Século XX, foi sem dúvida um desses períodos. Gerações inteiras se criaram à sombra de batalhas nucleares globais que, acreditava-se firmemente, podiam estourar a qualquer momento, e devastar a humanidade. Na verdade, mesmo os que não acreditavam que qualquer um dos lados pretendia atacar o outro achavam difícil não ser pessimista, pois a Lei de Murphy é uma das mais poderosas generalizações sobre as questões da humanidade ('se algo pode dar errado, mais cedo ou mais tarde vai dar').⁸

Nos primeiros anos que se seguem à Segunda Guerra Mundial (de 1950 até o final da década de 60), o mundo passa pela primeira Guerra Fria. Os dois lados União Soviética e Estados Unidos lutam pelo controle mundial. Países ficam divididos em porções (Alemanha Ocidental e Oriental, Coréia do Norte e Coréia do Sul, por exemplo). As duas potências envolveram-se numa corrida armamentista para mostrar ao mundo quem tinha o poder e era a mais nova potencia mundial.

Na verdade não existia o perigo de uma terceira grande guerra, pelo menos para algumas pessoas. Existia o perigo e a tensão que eram criados pelas armas de destruição em massa, ogivas nucleares e armas químicas. Ninguém queria ser o responsável por apertar o botão que poderia começar a destruição da humanidade.

⁸ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)*. 2. ed. R. Janeiro: Cia. das Letras, 2001. p. 224.

Guerra sempre foi um acontecimento humano e esteve presente na humanidade desde sempre. Nos livros de história podemos ler os horrores das guerras que assolaram o mundo. Com essa possibilidade vem também o medo, a ansiedade e as incertezas, pois esses sentimentos são gerados quando sabemos que os conflitos podem estourar a qualquer momento. E há também a preocupação com os que estão na guerra.

Muitos monumentos são erguidos para os homens que caíram em batalha na Segunda Guerra por exemplo. Outros que voltavam recebiam condecorações por sua bravura, pelos seus feitos. Ao mesmo tempo em que estes mesmos homens sobreviventes carregam as marcas das batalhas, tantos são os casos de veteranos de guerra que tiveram suas vidas transformadas pelos traumas físicos e psicológicos aí adquiridos. Ver um companheiro de infantaria morrer diante de seus olhos causam pesadelos para o resto da vida e não há honra ao mérito que cure. Nesse sentido a guerra fria trazia medo, mesmo que a probabilidade que ocorresse fosse pequena. Conflitos armados, no entanto, não deixaram de ocorrer ligados a esse contexto da disputa ideológica entre as duas maiores potências que mexeram com a cabeça de muitos na época como a Guerra no Vietnã e a Guerra do Yom Kippur.

Nesse sentido, o conflito entre as duas potências, União Soviética e EUA, poderia não ser direto, aberto, mas se expressava através de outros conflitos em outras partes do mundo gerando medo e incertezas. Sendo assim, muitas lutas dos movimentos da contracultura trarão os ideais de propagar a paz e não a guerra. A incerteza destes tempos era ainda maior em função da proliferação das armas nucleares, já que o exemplo das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki ainda era lembrado.

1.3 O Surgimento da Cultura Jovem e a Guerra Fria

Com o surgimento da cultura jovem nos países do centro capitalista – EUA, Inglaterra, Alemanha Ocidental, Itália e França, os movimentos sociais a favor do desarmamento e em defesa dos Direitos Civis de negros e homossexuais

começam a ganhar força no mundo capitalista. Eles defendem os ideais de um grupo de jovens cansados dos modelos impostos pela sociedade e dá a outra parcela da população uma voz que antes era excluída. O garoto problemático que vivencia todos os dias dificuldades de convivência em família vai encontrar nesses grupos seus iguais.

A instituição “família ocidental” estava agora em ruína. Pais se divorciando, abusos dentro de casa, ou até mesmo o preconceito que um garoto ou garota sofriam nas escolas, desde o racismo de cor até por suas opções sexuais. Ele precisava se esconder e reprimir seus desejos, seus anseios em relação aos outros que o condenavam. Mas agora emergia outros modelos de subjetividade, outras possíveis identidades, que vão se constituir em lugares de sujeito para serem habitados por esses jovens sem territórios existenciais. Um grupo de jovens, adolescentes, na idade entre os 15 e 27 anos, que passou pelas mesmas experiências que ele e o aceita. E disso vão surgir os movimentos contra o recrutamento, pelos Direitos Civis, dentre muitas outras causas na década de 60 (PEREIRA, 1983).

Em meados da década de 1970 o mundo passava pelo que é chamada de segunda Guerra Fria e este período é marcado por uma grande mudança na economia mundial. A crise dos anos que se seguem até o fim da Guerra Fria com a queda do muro de Berlim foi talvez o mais traumático.

É neste universo em que o *rock* e o *heavy metal* vão se desenvolver mais. O *rock* nasce fruto de uma cultura americana racista, que em poucos anos se desenvolve, dando um alicerce para o crescimento da indústria fonográfica e para um surgimento da cultura jovem. Em seguida se liga a movimentos políticos/sociais, defendendo principalmente a paz e os direitos iguais. Ele deixa de ter como protagonista o “mocinho” comportado dos anos cinquenta, para ser agora dominado pela figura do rebelde. Deixa de ser apenas um item de mercado: agora o *rock* tem suas causas e com isso ganha atitude.

O *rock* abandonou progressivamente as músicas românticas que Elvis e os Beatles tocaram, ele estava também ligado ao que esses novos grupos de jovens vivenciavam todos os dias. *Blue jeans* e jaquetas de couro faziam parte de uma vestimenta que carregava muitos significados. As roupas e adereços serviam para

compor essa nova identidade jovem, para marcar sua diferença em relação a outras faixas etárias e a outras posturas políticas: uma pessoa rebelde, fora dos padrões impostos pelos pais e autoridades, jovens que faziam do uso do corpo, das drogas, da bebida maneiras de afirmar o que consideram ser a liberdade. Além disso, mostrava também que a juventude da época queria encontrar sua identidade e acima de tudo fazer parte daquele segmento que agora era muito mais que audiência da música. No final da década de 50, o *rock* já estava preparado para passar por mudanças.

Nos Estados Unidos devido a muitos artistas ligados ao *rock* fazerem uso de drogas, como Chuck Berry, por exemplo um dos grande ícones do *rock* americano, a imagem deste ramo musical como marginal, para os setores conservadores das sociedades, ganhava cada vez mais notoriedade nesse e em outros países. As drogas faziam parte daquilo que, na época, chamava-se de novas experimentações do mundo, a abertura da mente para novas viagens, o acesso a uma nova consciência que os artistas expressariam no ato de escrever suas canções. Alucinógenos que os tiravam daquela realidade e davam um relaxamento tal que suas composições fluíam como água. Tal imagem vai muitas vezes surgir na imprensa da época e construir uma visão negativa da indústria do *rock*. O fato de que muitos dos primeiros astros do *rock* americano eram negros contribuiu para a criação de lendas e histórias mais ousadas para desqualificá-los.

É verdade que muitos usavam drogas e bebiam demasiadamente, mas isso fazia parte de uma cultura nova que queria mostrar descontentamento e acima de tudo experimentar o proibido. A liberdade estava em voga e usar e abusar do que era proibido era a nova moda. Chuck Barry foi condenado a dois anos de prisão por tentar cruzar a fronteira de um estado com uma prostituta. Esta seria contratada para trabalhar em um clube de sua propriedade. O fato teve ainda uma maior repercussão por ele ser um artista negro.

Com isso o *rock* vai se desenvolver e se aprimorar em outras terras onde vão surgir novos artistas com propostas e estilos diferentes. Na Inglaterra, nas cidades portuárias principalmente, por onde passavam muitas mercadorias e onde se tornava fácil o acesso aos discos vindos dos EUA. Billy Furry foi o artista inglês que primeiro teve reconhecimento nas terras americanas. Em seguida veio o *rock*

dos Beatles com músicas de mensagens positivas e que abordavam os conflitos de adolescentes.

Em oposição ao *rock* juvenil e inocente da década de 50, vai surgir um *rock* mais preocupado em passar mensagens importantes através da música. Nesse tempo, surgem nos Estados Unidos as figuras de Bob Dylan e Joan Baez. Joan Baez foi a responsável por tornar Bob Dylan conhecido fazendo apresentações em bares e depois em eventos da contracultura onde a repercussão era maior. Um movimento intelectual chamado *Beatnik* teve grande influência para a formação do novo estilo musical. Esse movimento era caracterizado pela afirmação da individualidade, do livre arbítrio, da experimentação e da mudança, e se tudo isso entrava em contradição com os costumes e valores da sociedade americana da época, se aproximava dos ideais dos artistas e da juventude que fazia e consumia *rock*. Ideário que era partilhado, afinal, por vários seguimentos da contracultura.

A contracultura foi um movimento de contestação que colocava em xeque a sociedade vigente dos anos 50, seus modelos e padrões, que sustentariam, por sua vez, o que se chamava de sistema e suas instituições. Dessa forma, a contracultura fazia justamente o oposto dos padrões defendidos, os jovens usavam drogas para experimentar o que antes estava proibido, como uma atitude rebeldia e contestação, não necessariamente pelo fato de vivenciarem problemas de relacionamento em casa, como veiculará a mídia e seus especialistas da psicologia. Tudo isso com a intenção de chocar o sistema, adotando um conjunto de signos que expressavam a liberdade, a experimentação, a recusa dos padrões impostos pelos pais e pelo sistema. O uso de drogas, do álcool, o tabagismo, a mudança no vestuário, faziam parte da experimentação da quebra dos valores e do que era tido como o correto.

Estes movimentos da contracultura também fazem parte da cultura emergente nos anos 60. Eles dão origem a estilos de vida e formas de comportamento que se articulam em grupos e movimentos como: o *Hippie*, o *Beatnik*, o movimento estudantil (nesse momento são criadas muitas universidades por todo o mundo e nestas instituições estes movimentos sociais são mais vistos), o *punk*, dentre muitos outros.

Hippies fizeram parte do movimento da contracultura este grupo estava ligado ao paz e amor, liberdade experimentalismo, contato com a natureza. Sua fonte de inspiração vinha muito da literatura e dos poemas vindos do movimento beatniks. Foram os beatniks um dos grupos de destaque a encarnar, de modo especialmente vigoroso, a rebeldia marginalizada dos anos 50 nos Estados Unidos. Já fascinados pelas doutrinas orientais, ponto fundamental de encontro entre eles e os alegres hippies dos anos 60, rejeitavam o caminho do intelectualismo, devotando-se a uma vida marcadamente sensorial e deixando-se arrastar por sua ludicidade e desprezo pelas satisfações de uma carreira e de um rendimento regular, é este estilo de comportamento que os faz um dos grupos pioneiros do espírito de contestação da contracultura dos anos 60, sendo, de uma certa forma, os hippies prematuros de um momento anterior” (PEREIRA, p.22).⁹

A Guerra Fria foi além de um conflito entre duas potências mundiais. Gerações foram criadas no medo de que poderiam acordar num mundo devastado por mais uma grande guerra mundial. Além disso, havia também uma crescente tentativa nos países centrais do capitalismo em por fim à presença do comunismo e do socialismo. Muitas eram as armas usadas para combater o comunismo e uma delas era o consumismo. Esse consumismo também marcará a indústria fonográfica, além de vários outros seguimentos do mercado capitalista, como a moda e a indústria automobilística.

A chamada por Hobsbawm(2006) de Era de Ouro do capitalismo foi o período em que muitos países da Europa tiveram um crescente desenvolvimento de sua indústria. Esse crescimento industrial em países como a Inglaterra, Alemanha Ocidental, Itália, França e Estados Unidos foi base para o surgimento da indústria do *rock* e a emergência de seu mercado consumidor. Nestes países, o *rock* terá o terreno perfeito para sua difusão, pois neles o mercado consumidor será difundido pela mídia. Foram processos que estavam ligados fortemente à cultura jovem em emergência, ao crescimento e expansão do capitalismo e aos movimentos sociais da contracultura que ganhavam cada vez mais destaque na

⁹PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos). 6 ed. p.22

imprensa. Desses movimentos da contracultura vão surgir as músicas de protesto da qual fazem parte o *rock* e o *heavy metal*.

1.4 A música como instrumento de protesto dos jovens

O surgimento da chamada música de protesto, muito ligada a essa emergente cultura da juventude, é marcada por uma ênfase na elaboração de letras que abordam temas políticos e comportamentais. Os anos 60 ficam marcados pelo protesto contra a Guerra do Vietnã. O *rock* neste momento mostra um caráter político de contestação e rebeldia mostrando que quem escutava esse tipo de música estava consciente do que acontecia ao seu redor e, dessa forma, lutava pelos seus ideais. Bob Dylan, por exemplo (apesar do mesmo ser artista *Folk*, suas letras tem um teor muito crítico), compôs músicas que se tornaram tema da luta pelos Direitos Civis nos EUA, no começo da década de 60, como a canção "Oxford Town":

*Oxford Town, Oxford Town
Ev'rybody's got their heads bowed down
The sun don't shine above the ground
Ain't a-goin' down to Oxford Town
He went down to Oxford Town
Guns and clubs followed him down
All because his face was brown
Better get away from Oxford Town
Oxford Town around the Bend
He come in to the door, he couldn't get in
All because of the color of his skin
What do you think about that, my friend?*¹⁰

Na época, havia uma grande e crescente perseguição racial nos Estados Unidos e esta musica se tornou não só para as pessoas que a ouviam, mas

¹⁰ Música Oxford Town, de autoria de Bob Dylan.

Tradução livre: "Oxford Town, Oxford Town/ Todos estão de cabeça para baixo/ O sol não brilha sobre a terra/ Não vou até Oxford Town/ Ele foi a Oxford Town/ Armas e bastões o seguiram/ Só porque seu rosto era marrom/ Melhor ficar longe de Oxford Town/ Oxford Town na próxima virada/ Ele chega até a porta, ele não pode entrar/ Somente por causa da cor de sua pele / O que você pensa sobre isto, meu amigo?"

também para muitos artistas, uma música tema da causa. Bob Dylan ficou nas paradas de sucesso por muito tempo com suas músicas *folk* e as temáticas de crítica à sociedade, se tornando mais tarde um dos músicos representantes da contracultura.

Entre as décadas de 50 e 60, houve um crescente impulso de crimes cometidos contra a população negra, o qual já vinha se desenvolvendo desde o fim da imigração dos negros africanos para os Estados Unidos. Crianças, jovens e adultos sendo perseguidos nas escolas, igrejas, festas e bares, sendo muitas vezes humilhados e surrados na frente de outros por serem considerados “de cor”. Não havia quem lutasse por esta parcela da sociedade, era um tipo de opressão da liberdade e dos direitos civis assegurados pelo Estado ao povo americano. No Mississippi, estado ao sul dos EUA, de maioria negra, por exemplo, aconteceu uma série de assassinatos envolvendo negros, onde diversos casos não foram a julgamento, de modo que ninguém foi preso ou condenado, tornando assim o clima cada vez mais tenso nessa região (MARCUS,2010).

A música *Oxford Town* exprime bem o contexto desse momento vivido pela sociedade negra americana. Bob Dylan, nesse momento se torna o ícone da luta e do protesto em torno de diversas causas, incluindo o racismo. O negro não podia exercer sua cidadania, estava excluído de todos os direitos que o branco tinha e foi preciso que um grupo de jovens entrassem em cena para que a voz dos excluídos fosse ouvida. Assim, uma sociedade tida como rebelde vai lutar pelos direitos civis, pelos homossexuais, contra as guerras, levantando a bandeira da contracultura num país que só se preocupava em acabar com o comunismo e mostrar seu poderio militar ao mundo.

O termo contracultura foi criado pela imprensa americana nos anos 60 para designar o conjunto de manifestações culturais que surgiram não só nos Estados Unidos, mas também na Europa, e que repercutiram na América Latina e em muitas outras partes do mundo. Esse termo é adequado já que uma das suas características básicas é o fato de se opor, de diferentes maneiras, à cultura vigente e oficializada pelas principais instituições das sociedades ocidentais (PEREIRA,1983). A contracultura vai surgir por causa das “doenças” sociais do

consumismo, tradicionalismo, da repressão aos direitos individuais e de liberdade de expressão, contrapondo-as com a visão juvenil. Na imprensa, o termo ganha mais notoriedade recebendo diversos rótulos e espaços de discussão, de modo que, graças à imprensa, o movimento teve uma maior magnitude.

Tratava-se, de fato, de um movimento de contestação que colocava frontalmente em xeque a cultura oficial, prezada e defendida pelo Sistema, pelo Establishment. Diante desta cultura privilegiada e valorizada, a contracultura se encontrava efetivamente do outro lado das barricadas. A afirmação e a sobrevivência de uma parecia significar a negação e a morte da outra. E agora, amplificada e difundida pelos meios de comunicação de massa, a recusa radical da juventude ganhava a cena com grande alarde e assumia ares de uma verdadeira contracultura.¹¹

Os jovens que faziam parte dos movimentos da contracultura eram constantemente vistos como delinquentes juvenis, transviados, baderneiros e afins. Modelos e julgamentos de uma sociedade tradicionalista e machista que faziam tais associações para desqualificar essa nova onda da cultura juvenil. Estas associações tinham de certa forma razão, pelo menos para uma parcela destes garotos e garotas. O consumo de álcool e tabaco aumentou consideravelmente entre os jovens dos 17 aos 25 anos, sendo que este fato tinha um sentido na época, como já foi explicado anteriormente. As drogas faziam parte do cotidiano das famílias de classe média dos países desenvolvidos na década de 70. Nesse período, o jovem queria lutar e desejava mudança na ordem do sistema. Encontrava nas coisas proibidas como drogas e álcool uma forma de se expressar e, não necessariamente, por estar ligado a problemas pessoais, fossem eles internos ou externos. Mas quem eram esses jovens e de onde eles vinham? No livro *O que é Contra Cultura?*, o autor Carlos Messeder Pereira mostra de maneira objetiva quem eram estes jovens:

Era exatamente a juventude das camadas altas e médias dos grandes centros urbanos que, tendo pleno acesso aos privilégios da cultura dominante, por suas grandes possibilidades de entrada no

¹¹ PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *O que é Contracultura*. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos). 6 ed.

*sistema de ensino e no mercado de trabalho, rejeitava esta mesma cultura de dentro. E mais. Rejeitavam-se não apenas os valores estabelecidos, mas, basicamente, a estrutura de pensamento que prevalecia nas sociedades ocidentais.*¹²

No meio social da contracultura, a juventude encontrava uma maneira de expressar a liberdade e combater os modelos sociais impostos pela sociedade. Nesse meio era mais fácil dele se integrar e achar pessoas que estavam com as mesmas idéias e preocupações que os motivavam para a causa. Uma música dos Beatles do álbum "Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band" – "She's living Home" – fala de uma garota com problemas mal resolvidos com seus pais e que decide ir embora de casa. A garota teve tudo que o dinheiro podia comprar, mas faltava o afeto de seus pais, gerando um vazio que a fez abandonar o lar. Deixar seu lar nesse período era também uma maneira de demonstrar que este jovem não estava contente com sua situação e precisava de uma mudança radical em sua vida. Muitos foram os jovens que saíram de casa com mochila nas costas, abandonando tudo para viajar o mundo sem saber pra onde ir, apenas se libertando da vida regrada.

A droga era o pavor dos pais nesse período. Muitos filhos se drogavam às escondidas de seus pais, com os amigos ou mesmo num quarto fechado. Os pais, por sua vez, muitas vezes sabiam que seus filhos usavam, mas, com vergonha do que os seus vizinhos poderiam dizer, guardavam tudo em segredo. Era o medo de ter a imagem de pais fracassados e de que sua educação destruiu a família (VINCENT, 1995).

O *rock*, assim como o *heavy metal* e a Contracultura, estavam inseridos neste contexto. O *heavy metal*, por sua vez, surgirá mais à frente entre o final da década de 60 e o início da década de 70. No entanto, muito do que o *heavy metal* utilizou foram signos criados nas décadas de 60 e 70 como os cabelos longos dos artistas de *rock*, as roupas coladas, *jeans* e muitos outros signos que estão também presentes nessa vertente do *rock*.

¹² *Ibidem.* p.15

Outro acontecimento muito importante dessa época foi o surgimento de uma sociedade de consumo forte. O jovem, segundo Eric Hobsbawm (2006), terá o privilégio de comprar seus próprios discos, gastar com viagens, sair de um emprego e já, em seguida, entrar em outro. A Era de Ouro¹³ nas economias capitalistas como do Reino Unido e EUA deu mais liberdade financeira e econômica. A taxa de desemprego caiu logo após os primeiros anos que se seguem o pós-guerra. Mas, tanto o *rock* como o *heavy metal* vão acompanhar essa era de expansão do capitalismo e através dela que estes seguimentos vão se desenvolver principalmente nos Estados Unidos e Inglaterra onde a cultura jovem estava em emergência.

A Era de Ouro representou um grande desenvolvimento para os países centrais do capitalismo como França, Alemanha Ocidental, Inglaterra, EUA, etc. Esses países representavam quase três quartos da produção mundial, embora a maior parte da riqueza neles ficasse concentrada, jamais chegasse à vista de toda a população. Um dos motivos dessa ser a Era de Ouro foi que o petróleo saudita custava em média menos de dois dólares o barril. Energia a baixo custo que era a força motriz da industrialização crescente entre os anos de 1950 até 1973, ano em a OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) decidiu colocar o preço do petróleo no valor que o mercado podia pagar. E, com isso, surgiu a crise do petróleo que, para muitos especialistas, foi um período traumático que se estendeu da década de 70 a 80.

1.5 A crise da família ocidental

O *rock* passou por muitas renovações. Nos seus primórdios era mais comportado e não trazia traços de “rebeldia”, ao contrario, era muito mais organizado e menos crítico que os seus descendentes como o *heavy metal*. O *heavy metal* vai trazer uma cultura jovem muito mais radical que a vista no começo do *rock*. Em sua história muitos de seus seguidores vão ter o visual

¹³ Era de Ouro como diz o autor Hobsbawm (2001) é o surto econômico movido pela revolução tecnológica em que muitos países da Europa vão se desenvolver por causa da indústria e da morte do campesinato em países de economia agrícola.

“rebelde”, que na verdade é uma reprodução de seus artistas favoritos. Essas reproduções vão desde as roupas até as atitudes fazendo parte de uma construção de um novo jovem e, dessa forma, surgem associações na tentativa de estereotipar um grupo fazendo associações com delinquência, drogas e álcool. Mas essas associações têm suas raízes. O jovem da década de 50 do século XX era ainda uma camada da sociedade que estava para emergir. Ser jovem nesses tempos difíceis era estar sempre presente no seio familiar, ir à escola e ter o um divertimento controlado. O pai de família, por sua vez era a figura do homem controlador de cada membro da casa. A mulher por sua vez era a figura doméstica clássica: cuidava da casa e dos filhos.

No que diz respeito à família nuclear burguesa, ela passava por muitas mudanças a partir da instituição da dissolução legal do casamento e, por conseguinte do divórcio legal. A relação do casal não era mais ligada tão fortemente quanto em tempos mais antigos. O casal mantinha sua relação até o momento em que havia um bom convívio entre os mesmos e seus filhos. A partir do momento em que não mais existia uma ligação afetiva ou o interesse sexual, a união poderia acabar facilmente por meios legais. Dessa forma, o casamento não era mais uma união estável, mas aos poucos ele ganhava contornos de um negócio onde os bens são partilhados no fim da relação, o pai paga a pensão aos filhos e à ex-mulher.

O divórcio em países de moral cristã cresceu drasticamente em poucos anos. Na Grã-Bretanha em 1938 acontecia um divórcio para cada 52 casamentos e, em 1980, era um divórcio a cada 2,2 casamentos. A mulher estava cada vez menos interessada em casamento, procuravam clínicas ginecológicas, pois o desejo de ter filhos era menor, e tendo também mudança para uma atitude bissexual. Isso era uma forma de sair da sociedade machista em que ela se encontrava. Entre esse período da chamada Era de Ouro houve uma grande produção de eletrodomésticos e utensílios que facilitavam a vida da dona de casa. Contudo, essas ferramentas faziam com que a mulher apenas cuidasse dos seus afazeres domésticos. É por isso que muitas mulheres acabavam seus casamentos na tentativa de se inserir no mundo buscando uma nova maneira de

viver e ter o controle de suas próprias decisões, que antes eram tomadas pelo homem da casa.

O numero de pessoas vivendo só começou a crescer em ritmo acelerado. Na Grã-Bretanha na primeira metade do século XX, 6% das casas ocupadas eram de pessoas que moravam sozinhas. Já nas décadas de 60 a 80 essa porcentagem chegou a 22%. Em muitas outras cidades ocidentais era o que ocorria em quase metade das casas. Por outro lado, a família tradicional ocidental estava em visível retração.

A crise da família estava relacionada com mudanças bastante dramáticas nos padrões públicos que governavam a conduta sexual, a parceira e a procriação. Eram tanto oficiais quanto não oficiais, e a grande mudança em ambas está datada, coincidindo com as décadas de 1960 e 1970. Oficialmente, essa foi a era de extraordinária liberalização tanto para os heterossexuais (isto é, sobretudo para as mulheres que, que gozavam de muito menos liberdade que os homens) quanto para os homossexuais, além de outras formas de dissidência cultural-sexual.¹⁴

É interessante notar que na análise Hobsbawm (2006), a instituição familiar no modelo ocidental estava em retração em decorrência das muitas mudanças dos padrões sociais que governavam a conduta sexual, a parceira e a procriação. No entanto esta decadência da estrutura familiar já vinha acontecendo desde o começo do século XX. É nesse momento, da década de 60 e 70, que vão surgir muitos divórcios gerando o que é visto como uma crise familiar, pois a idéia de família nuclear das sociedades modernas começa a ruir aos poucos.

A família nuclear ocidental clássica, o casal casado com filhos, estava em visível retração. Nos EUA, essas famílias caíram de 44% de todas as casas para 29% em vinte anos (1960 – 1980); na Suécia, onde quase metade de todos partos em meados da década de 1980 foi de mulheres solteiras (ECOSOC, p. 21), de 37% para 25%. Mesmo nos países desenvolvidos onde formavam metade de casas

¹⁴ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o Breve Século XX (1914-1991)*. 2. ed. R. Janeiro: Cia. das Letras, 2001. p. 316.

em 1960 (Canadá, Alemanha Federal, Países Baixos, Grã-Bretanha) eram como uma clara minoria.¹⁵

A crise familiar teria acontecido entre o final da década de 1950 para o início da década de 1960 e sua ligação com o *rock* está no sentido de que a crise estava atrelada a mudanças nos padrões públicos. Entre as décadas de 1960 e 1970 uma parcela das mulheres buscou uma maior liberdade ante o monopólio dos homens. Essa liberdade feminina cresceu em função do individualismo e esfacelamento do patriarcalismo. Somado a isso temos a desigualdade social que, por conseguinte fará com que a mulher entre no mercado de trabalho. A partir disso, também há um crescente número de famílias monoparentais, ou seja, famílias com apenas a figura materna ou paterna e seus respectivos filhos. E dessa forma a idéia de família começa a se reestruturar ao longo dos anos.

Com a crise nas relações entre os sexos no qual o número de famílias com apenas um só dos pais, neste caso a maioria de mães solteiras, uma nova sociedade juvenil vai nascer. Uma cultura juvenil forte estava vindo de várias camadas da sociedade. Estes jovens, que acabam de entrar na puberdade, com idade entre 13 e 16 anos, indicavam uma profunda mudança nas gerações. Com o avanço na economia dos países industriais ele se tornava um agente social independente em função do acesso ao trabalho, à renda e ao consumo. A indústria fonográfica, por exemplo, cresceu assustadoramente em relação aos últimos anos, entre 1950 a 1980, pois nesse momento a produção em massa de discos passou a ser consumida pelos grupos de jovens que tinham acesso ao mercado consumidor. Os jovens também começaram a engajar-se nos movimentos políticos, sendo influenciados pela contracultura e pelas letras das músicas, sobretudo dos artistas que faziam críticas aos modelos vigentes na sociedade.

A “juventude” passou a ser vista como um estágio no desenvolvimento humano e como uma fase para a vida adulta. As universidades se enchem de pessoas engajadas em busca de uma melhor educação, à medida que o acesso ao ensino superior cresce maciçamente. A segunda coisa a saber é que a cultura

¹⁵ *Ibidem.*

juvenil era ou tornou-se dominante nas “economias de mercado desenvolvidas” porque nesse momento esta massa representava uma concentração de poder de compra. E, por fim, o que caracterizava ser jovem, no sentido estético, eram o uso de *blue jeans* e o *rock* que se tornaram marcas da juventude moderna. As roupas diziam quem eles eram e o que queriam. O ato de fumar mais cedo, consumir álcool era uma maneira de dizer que eles faziam o que tinham vontade sem se importar com o pensamento prevalecente na sociedade.

O mercado jovem estava avançando. A mídia discutia essa massa da juventude e mostrava como era, como agia, criando-a como um nicho de mercado para o qual passou a se dirigir a propaganda. A partir disso, a indústria acompanhou esses novos estilos, novos meios de vender aquilo que eles queriam. Foi nesse momento em que houve a descoberta de um novo mercado consumidor forte.

Em meados da década de 1950, o mercado fonográfico revolucionou o mercado da musica popular. Na Europa houve a invenção da moda rebelde. A expansão dessa indústria da moda se deu na Grã-Bretanha, onde as concentrações urbanas de moças que trabalhavam em escritório e lojas em expansão usavam seu salário na compra de roupas e acessórios. Diferentemente dos homens, que gastavam com cerveja, cigarro e discos. Nesse sentido, podia-se medir o poder aquisitivo do jovem pelas vendas de discos nos Estados Unidos

Pode se medir o poder do dinheiro jovem pelas vendas de discos nos EUA, que subiram de 277 milhões de dólares em 1955, quando o rock apareceu, para 600 milhões em 1959, e 2 bilhões em 1973.¹⁶

Estas aquisições da cultura juvenil se tornaram mais do que bens materiais, eles eram símbolos culturais de identidade. O jovem se tornou fonte da revolução cultural no sentido dos costumes, modos, meios de desfrutar a vida e as artes comerciais, que cada vez mais faziam parte do universo vivido pelos homens e mulheres urbanos.

A juventude "rebelde" dessa época, que começou com o fim da Segunda Guerra Mundial e foi até o fim da União Soviética, viu não somente as tensões do

¹⁶ *Ibidem.* p.321.

mundo, medo de outra guerra nuclear, medo do comunismo, mas experimentaram as revoluções dos jovens e estudantes, a Era de Ouro do capitalismo, em muitos países desenvolvidos, como EUA e Inglaterra. Esse desenvolvimento econômico veio ligado às transformações da vida cotidiana como o êxodo rural de países com economia fortemente agrícola, que nessa época se transformaram em países mais industriais. A partir disso vai se gerar muitos empregos, causando transformações sociais das quais Eric Hobsbawm fala.

Se a previsão de Marx de que a industrialização eliminaria o campesinato estava por fim evidentemente se concretizando em países de rápida industrialização, o fato realmente extraordinário foi o declínio da população agrícola em países cuja óbvia falta desse desenvolvimento as Nações Unidas tentavam disfarçar com uma variedade de eufemismos para as palavras "atrasado" e "pobre".¹⁷

A morte do campesinato aconteceu na metade do século XX, e foi a mudança social mais impressionante e que nos isola do mundo do passado. A revolução agrícola era sem dúvida um grande acontecimento, as pessoas viveram muitas transformações na parte ocidental e oriental da Europa e na América do Norte, talvez não tanto nos Estados Unidos, pois o país já vinha se desenvolvendo gradualmente bem antes da Segunda Guerra e também pelo fato da guerra não ter chegado ao seu território. É nessa reestruturação do pós-guerra em que muitos países da Europa vão se focar. A idéia do autor é mostrar como essa transformação mudou o cotidiano da vida no campo e, por conseguinte transformou as cidades. Essa transformação aconteceu com extraordinária rapidez e mudou o cotidiano das pessoas. Mesmo que o mundo estivesse passando ao longo dos anos em constante mudança, estas novas visões com certeza não passaram despercebidas. O importante é que o antigo camponês era agora o trabalhador da indústria e este novo trabalhador estava, então, inserido dentro de uma sociedade capitalista industrial.

Por fim, o *rock* surge nesse contexto histórico e social, em que a juventude emerge como força social e política, que pensava e criticava seus padrões da época. Estas mudanças sociais e culturais se espalham por todo o mundo, dando

¹⁷ *Ibidem.* p.285.

origem a movimentos sociais e ao que ficou conhecido como a contracultura, a luta pelos direitos civis e contra as guerras. Uma sociedade tida como rebelde e veiculada e julgada pela mídia passou a ganhar espaço.

1.6 A história do *Heavy Metal*

O *heavy metal* surgiu como um novo estilo dentro do universo do *rock*. Aos poucos quando este, no final da década de 60, já estava ganhando novas formas e gêneros, o *heavy metal* entrou em cena com uma proposta mais radical que o *rock* ou o *punk rock*. Os estereótipos que caracterizam o estilo em questão são muito marcantes e vão não somente abusar do uso de roupas mais justas, do *jeans* e dos cabelos longos, como do uso do couro como a marca de uma tendência mais radical e fora dos padrões de sua época. Bandas como o Judas Priest¹⁸ vão usar um visual que toma emprestado do movimento *punk*, sendo talvez a primeira banda do estilo a utilizar couro e adereços cromados em suas apresentações. O uso de pulseiras com *spikes* (pinos que parecem pregos cromados), jaquetas de couro e coturnos, lembrando um estilo de motoqueiro de gangue. Mas o importante nesse primeiro momento é entender como ele surgiu e quais bandas foram suas principais influências.

No início da década de 70 já existiam muitas bandas que trouxeram um novo estilo para o *rock*, era o *heavy metal* em seus primeiros passos. A nomenclatura *heavy metal* de início ainda não existia, ou pelo menos não tinha sido difundida pela mídia. Antes do surgimento dessa denominação, já existiam bandas que estavam comprometidas em fazer um som completamente diferente do que era usual. Bandas que tentam assim inovar como Deep Purple¹⁹, Led

¹⁸ Judas Priest, banda formada na Inglaterra em Birmingham no ano de 1969, composta em sua formação clássica por Ken Downing (KK Downing, guitarrista), Ian Hill (baixista), Rob Halford (vocalista) e John Hinch (baterista). Essa banda uniu o peso do Black Sabbath à velocidade do Led Zeppeling, criando um estilo novo do *heavy metal* – o *New Wave of British Heavy metal* (NWOBHEAVY METAL).

¹⁹ Deep Purple tem suas origens em 1968 em um condado da Inglaterra Hertfordshire, formado pelos integrantes: Ian Gillan (vocal), Roger Glover (baixo), Ritchie Blackmore (guitarra) e Jon Lord (teclado). A banda ficou mundialmente conhecida pelas canções *Smoke on the Water* e *The Highway Star*.

Zepelin²⁰, Steppenwolf²¹ e Black Sabbath²², as mais influentes do novo seguimento musical. Seu mercado estava centrado nos jovens de classe média onde estes novos músicos passaram uma boa fase de sua vida, escutando Beatles, Rolling Stones, Bob Dylan, Elvis Presley, além do *jazz* e do *blues*.

Saber as origens do *heavy metal*, no entanto, é com certeza uma tarefa difícil. Muitos foram as bandas e artistas que contribuíram para que o *heavy metal* existisse. Estes artistas, na metade da década de 60, traziam um *rock* diferente, mais pesado e ousado, diferente do habitual. Geralmente o som das guitarras em alto volume e com distorção já causava uma sonoridade ímpar. As bandas estavam procurando mais experimentalismo, como fazia Jimi Hendrix²³ e Led Zeppelin. Esse experimentalismo foi talvez influenciado pelo álbum dos Beatles (Sht Peppers' Lonely Hearts Club Band, 1967) que nesta época procurava fazer um som mais criativo e trabalhado, sendo considerado por muitos o álbum que deu início ao Rock Progressivo, psicodélico. No entanto, é importante notar que o Pink Floyd²⁴ já usava de artifícios em suas apresentações que remetem ao psicodelismo de Syd Barret, líder da banda londrina. O Pink Floyd nessa época ainda era uma banda desconhecida, porém já se caracterizava no estilo progressivo psicodélico.

²⁰ Led Zeppelin foi uma banda Inglesa formada em 1968 na Grã-Bretanha composta por Jimmy Page (guitarra), John Bonham (bateria e percussão), John Paul Jones (baixo e teclado) e Robert Plant (vocalista e gaita).

²¹ Steppenwolf banda teve o início de suas atividades nos Estados Unidos, em São Francisco, Califórnia. Mas seu país de origem é o Canadá. Banda composta por John Kay (voz e guitarra), Jerry Edmonton (bateria), Michael Monarch (guitarra), Goldie McJohn (teclados) e Rushton Moreve (baixo). A música de maior sucesso foi Born to be Wild tema do filme Easy Rider e talvez tenha sido esta canção responsável pelo termo *heavy metal*, pois na letra da música, a frase "Heavy metal Thunder" serviu para denominar o estilo em questão.

²² Black Sabbath teve o início de suas atividades em Birmingham, Inglaterra, em 1968. Formada por Ozzy Osbourne (vocalista), Tony Iommi (guitarrista), Geezer Butler (baixista) e Bill Ward (baterista). A banda foi responsável por dar bases para a fundação do *heavy metal*. Algumas das músicas de maior sucesso foram *Paranoid* e *Iron Man*, tema do filme Hollywoodiano de mesmo nome.

²³ Jimi Hendrix é considerado o maior guitarrista de todos os tempos. Nasceu em Seattle nos Estados Unidos e teve uma carreira relativamente curta, sendo conhecido por tocar sua guitarra com os dentes ou nas costas.

²⁴ Pink Floyd teve origem em Cambridge, Inglaterra, na década de 60. Formada inicialmente por Roger Waters, Rick Wright, Nick Mason e Syd Barret, a banda fica conhecida pelo uso de imagens e visual psicodélico nos shows, como referências às "viagens" de LSD de Syd Barret. Com o uso constante da droga, Syd Barret deixou a banda por motivos de doença mental, dando o lugar para David Gilmour. A banda teve o auge da fama com os álbuns *Dark Side of The Moon*, *Wish you Were Here* (álbum em homenagem a Syd Barret), e *The Wall*.

Estas novas vertentes do *rock* ganhavam cada vez mais espaço na mídia e, por conseguinte era inevitável tentar diferenciar os novos estilos que estavam surgindo. O *rock* agora tem estilos diferentes e propostas diferentes, tanto em atitude quanto nas letras das canções. Uma dessas vertentes foi o *heavy metal* do Blue Cheer, com uma levada *blues* e psicodelismo da época, que misturados com as distorções das guitarras davam os elementos para o estilo em questão. Juntamente com esta banda apareceu também o Led Zeppelin, banda que também tinha influência do *blues* e guitarras mais virtuosas, com solos elaborados e bem trabalhados de Jimmy Page, um dos guitarristas mais influentes do *rock*, juntamente com Jimi Hendrix (LEÃO,1997). Em seguida, veio o Black Sabbath e suas temáticas sombrias influenciadas pela literatura de Aleister Crowley²⁵. Este mesmo autor também influenciou as letras do Led Zeppelin, o que fez o guitarrista da banda, Jimmy Page, comprar a mansão do escritor. Portanto, outras bandas agora vão influenciar o *heavy metal* e, a partir delas, novos estilos vão surgir numa rede quase infinita de novos gêneros, tornando este seguimento do *rock* possivelmente o mais complexo de todos.

O Black Sabbath tem o início de suas atividades no final da década de 60 quando ainda existia um surto de bandas de *rock* muito grande em sua terra natal, Birmingham, na Inglaterra. O som da banda com guitarras distorcidas com gaita, baixo e bateria produziam sonoridades sombrias que era a proposta da banda. A idéia era lançar um Rock com estilo novo e diferente das bandas da época. Diferente do Led Zeppelin, uma banda de *Heavy Rock*, que fazia uma sonoridade experimental com fortes influência de *blues* e *rock* psicodélico. As letras do Led Zeppelin falavam de brigas de casais em família e, algumas vezes, de relacionamentos de casais, já as letras do Black Sabbath traziam um tom sombrio, meio macabro, na sonoridade e nas letras, falando de ocultismo, satanismo e guerras. O som da banda é, com certeza, o mais pesado da época e juntando isso com os temas e a atmosfera criada pelas guitarras de Tommy Iommi, percebe-se o porquê da banda ser considerada a primeira banda do gênero. A música Black Sabbath do grupo homônimo descreve bem o estilo da

²⁵ Autor britânico de livros ocultistas. As bandas Led Zeppelin e Black Sabbath vão se inspirar nesta literatura para escrever suas canções. Para o autor, tanto o protestantismo quanto o catolicismo foram correntes doutrinárias propagadoras de culpa e normas sociais repressoras.

banda, com letras baseadas na literatura ocultista de Aleister Crowley e também em filmes de terror da época em que a banda ainda ensaiava ao lado de um cinema que exibia filmes desse gênero. Estes dois exemplos demonstram o tipo de atmosfera que a banda vai explorar nas suas composições, tanto nas letras quanto na sua sonoridade sombria. O nome da banda Black Sabbath, que antes se chamava Earth, é inspirado justamente nos rituais do sabah negro, nome este que foi dado pela Inquisição aos rituais de bruxaria, rituais demoníacos e de magia negra. A música na verdade fala do medo ao encontrar o demônio, figura muito usada em filmes de terror antigo.

*Big black shape with eyes of fire/ Telling people their desire/ Satan's sitting there, he's smiling/ Watches those flames get higher and higher/ oh no, no, please God help me!*²⁶

Esta faixa começa com uma guitarra carregada e pesada acompanhada da bateria mais lenta dando uma atmosfera totalmente diferente das músicas da época. Esta música foi a primeira do primeiro álbum auto-intitulado Black Sabbath. Muitas bandas foram contribuindo para este seguimento e já no começo da década de 70 ele ganhava sua própria identidade com outras bandas, como Judas Priest, Deep Purple, AC/DC, KISS, Alice Cooper, dentre muitas outras

Antes de falar das bandas mais influentes em seus diversos gêneros, é preciso saber como ele se dividiu desde o começo da década de 70 até o final da década de 80. É neste período que muitos estilos vão surgir e com eles bandas e mais bandas querendo seu espaço. As primeiras bandas do *Heavy Metal* vieram juntamente com muitos outros estilos, o que possibilitou a mescla para criação de outros como: o *Hard Rock*, o *Shock Rock* e o *Punk Rock*. Desses vieram outros subgêneros e cada um tinha seu próprio som, letras e visual como: o *Power Metal*, o *New Wave Of British Heavy Metal*, o *Metal Progressivo*, o *Glam Metal*, o *Pop Metal*, o *Stoner Metal*, o *Thrash Metal*, o *Black Metal* e o *Death Metal*.

Durante a década de 70, as três bandas mais influentes vão fazer história nesse estilo. O Led Zeppelin, o Deep Purple e o Black Sabbath influenciarão os

²⁶ Música Black Sabbath, do grupo Black Sabbath.

Tradução livre: "Uma grande figura negra com olhos de fogo/ Dizendo às pessoas seus desejos/ Satã está sentado lá, ele está sorrindo/ Observem aquelas chamas crescendo cada vez mais/ Oh não, não, por favor Deus me ajude!"

novos subgêneros do *rock* e também a sociedade jovem. A sonoridade dessas bandas está ligada não somente ao *rock*, mas também ao *blues*, ao *jazz*, à música celta, ao *folk* e até a informações da música erudita. (SILVA, 2008). O peso das guitarras era um símbolo da transgressão, as roupas e as letras representavam também esse tipo de mentalidade. A intenção desta parte do trabalho é contar a história do *heavy metal* e das bandas mais conhecidas no meio. No entanto, esse universo é muito grande e algumas bandas ou estilos podem não ser citados, mas o fato é que o foco será em comentar as três bandas já citadas neste parágrafo e algumas outras que fizeram história nas décadas de 70 e 80.

A começar pelo Led Zeppeling, banda que com muito experimentalismo marcou sua entrada como uma banda de *heavy metal*. No final da década de 60, a banda lançou seu primeiro disco com raízes do Blues americano, mas com sonoridade mais pesada. No primeiro disco as letras traziam um tom voltado para as relações amorosas e a liberdade sexual, características das idéias da contracultura. Ainda na turnê da banda em 1969, eles vão lançar seu segundo disco, Led Zeppeling II, um dos mais famosos. A banda ainda apostava nas letras voltadas para os sentimentos amorosos e a liberdade juvenil. Mas foi no seu quarto disco que a banda teve sua maior visibilidade. Muitos vão dizer que este álbum ficou tão famoso pelo fato dos integrantes terem vendido sua alma ao demônio. Na verdade esta história pode ser explicada pelo fato do guitarrista Page gostar de conhecer sobre ocultismo e ler a obra de Aleister Crowley. A música de maior sucesso do quarto álbum é a famosa *Stairway to Heaven*, uma das músicas mais tocadas nas rádios de *rock* da época. Depois deste álbum, a banda passou por um período ruim em sua carreira, com a morte do baterista por overdose de álcool, e do filho de Robert Plant (o vocalista). Por causa destes e de outros acontecimentos a banda encerrou suas atividades em 1978, com a morte do baterista.

Já com o Zeppelin é possível ver que houve uma delimitação do espaço, registrando um conjunto de significados para o meio do *heavy metal*. O uso de camisetas com imagens teratológicas, calça jeans rasgadas e braceletes, acessórios que demarcam os fãs do estilo, contribui para que isso se torne um

tipo de identidade e reconhecimento do espaço grupal no qual os jovens vão se inserir (JANOTTI JR, 1994).

A banda Deep Purple, assim como o Led Zeppeling, tinha grandes músicos em sua formação. Começaram em 1967, tentando misturar musica clássica com o *rock* do Led Zeppeling e dos Yardbirds. Em seu álbum de estréia, *Shades Of Deep Purple*, a banda apresentou um álbum com letras voltadas para as relações pessoais, traição e perturbação psicológica. Mas seus discos *Machine head* e *Made in Japan* tornaram-se os discos mais importantes da carreira da banda.

O Deep Purple inaugurou o flerte do rock pesado com a musica erudita, chegando até a gravar um álbum com Royal Phillarmonic Orchestra de Londres, fazendo uma espécie de pastiche entre o *rock* e a sonoridade dita "clássica". É claro que podemos perceber desse namoro uma necessidade de afirmação, em que os roqueiros do Purple tentam mostrar virtuosismo e conhecimento musical, trabalhando aspectos técnicos de sua formação.

27

As letras e propostas das primeiras bandas desse novo seguimento do *rock* não estavam tão voltadas para a crítica social ou para uma atitude rebelde. Estas novas bandas queriam um espaço onde pudessem expandir sua criatividade, seja ela nas letras das músicas ou mesmo no estilo de suas roupas. Esse novo filão mercadológico provoca mudanças na próxima geração da juventude, e, com estes novos estilos, surge o que Mafessoli denomina de um novo tribalismo. O que aparece nas primeiras letras do Black Sabbath é a tentativa de reproduzir aquilo que eles viam na literatura ocultista. Os temas agora são colocados para chamar atenção e, dessa forma, a banda ficar em evidência.

Esse tipo de atitude gera muito mais do que a repercussão desejada, pois, se antes o *rock* era criticado por abordar rebeldia e contravenção social, agora com o *heavy metal* as bandas são perseguidas pelo seu teor demoníaco contido em letras de algumas bandas. Por este fato surgem muitas generalizações em todo e qualquer gênero, desde o mais agressivo até o mais simplificado. As bandas de *thrash metal*, por exemplo produzem letras onde a guerra nuclear pode

²⁷ JANOTTI JÚNIOR, Jader S. *Heavy Metal: o universo tribal e o espaço dos sonhos*. Dissertação de Mestrado em Múltiplos Meios apresentada à Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 1994.

trazer a destruição da humanidade. O visual é ser também um tipo de atitude voltada para as simbologias identitárias. As bandas têm camisetas que permitem identificar o tipo de música que o jovem escuta. Essa união vai formar as tribos ligadas aos sub-gêneros do metal. Agora não chamam mais “o garoto rebelde que curte *rock* pesado”. O jovem que curte *heavy metal* é o *metalhead*, e essa classificação serve para qualquer tipo de tribo em que ele se encontre, de modo que estas tribos dialogam entre si e, por vezes, dão fórmulas para a criação de bandas em estilos variados. Essa variedade de estilos, inclusive, dificulta em alguns casos, inscrever determinadas bandas em estilos determinados, pois elas costumam transitar entre eles, e articulá-los, dando origem a outros.

2 O Heavy Metal no Brasil: surgimento, cultura *headbanger* e as primeiras bandas.

2.1 O desenvolvimento da Cultura *Heavy Metal* no Brasil no Período da década de 80

O *heavy metal* no Brasil começou a se desenvolver no final da década de 70 e teve seu alargamento massivo na década de 80. Até então, o mercado brasileiro era fechado para produtos estrangeiros como discos de vinil importados, instrumentos, revistas e produtos que tivessem alguma característica de recusa e contestação. Quando se diz mercado fechado, entende-se uma restrição aos produtos ou falta de interesse dos empresários de investir nesse estilo musical, mas, de certa forma, ele era comercializado mesmo sendo de uma maneira controlada ou de difícil acesso. O *Rock*, assim como o *Heavy Metal*, estava inserido nesse quesito. O *Heavy metal* era caracterizado por se opor às estruturas sociais da época e as letras geralmente causavam impacto por trazer temas anti-cristãos, contra o Estado e o sistema social vigente. Seu som era agressivo e pesado, gritante, “rasgado”, com letras em inglês e outras em português sendo, portanto, diferente das músicas da MPB, como as de Chico Buarque, Roberto Carlos, Caetano Veloso, dentre outros.

A primeira banda brasileira a deixar registros sobre o metal foi a banda paraense Stress, em 1982. Nesse período, o país ainda estava caminhando para

a democratização, pois acabara de sair de uma ditadura militar, de modo que até o ano de 1984 houve uma grande dificuldade para se formar bandas de *Rock* e, sobretudo, lançar material fonográfico. Isso ocorria devido à repressão política do Estado e, mais ainda, porque poucas gravadoras no Brasil tinham interesse em divulgar este tipo de material.

Os primeiros anos da década de 80 foram muito importantes para a formação da cena *heavy* no Brasil. Como já foi dito, a aquisição de material fonográfico, instrumentos e toda informação referente ao estilo musical era de difícil acesso. Nesse período, as redes sociais deste segmento começaram a formar grupos, que logo se diferenciaram dos demais grupos da sociedade de classe média urbana. Com o tempo, esses grupos em formação ganham contornos diferentes e se distinguiram da outra cultura jovem da época, isto é, dos jovens que lutaram pelos seus direitos na sociedade através dos movimentos estudantis e do movimento das “Diretas Já”.

O *Heavy Metal* utiliza uma imagética toda própria para definir seu campo conceitual. No metal o som pesado evoca lugares escuros, seres sobrenaturais e imagens de terror, que são utilizadas em grande escala pelas bandas e fãs do gênero como uma forma de reconhecer aqueles que pertencem à tribo.²⁸

Nesse sentido, o que mais define e, de certa forma, estigmatiza estes grupos são também as roupas, as tatuagens no corpo, homens usando brincos, camisetas pretas, maquiagem pesada. Essas se tornam marcas registradas desta tribo que estava surgindo no Brasil. Sua ideologia era menos politizada do que a que foi vista nos períodos anteriores da década de 70, mas muitos de seus discursos foram apropriados do *Rock* setentista que lutava pela liberdade de expressão na maneira de se vestir e se portar. Em certa medida, ela se inspira principalmente nas bandas “*Metal Midlands*”²⁹ (LOPES, 2006), como Black

²⁸ BRITO, Antonio Sérgio Andrade de. *Heavy Metal: a imagem distorcida*. Monografia apresentada ao Curso de Graduação da Faculdade de Comunicação (Bacharelado em Jornalismo), da Universidade Federal da Bahia. Salvador/BA, 1996.

²⁹ LOPES, Pedro Alvim Leite. *Heavy Metal no Rio de Janeiro e dessacralização de símbolos religiosos: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz*, 2006. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ, 2006

Sabbath, onde a temática principal estava em escrever letras sobre o medo do desconhecido (demônios), filmes de terror e viver uma vida livre dos moldes sociais impostos pela sociedade de massa e pelo Estado.

Bandas e público de *heavy metal* (sic) teriam despontado no começo da década de 1970 no centro e norte da Grã-Bretanha. Essa região era chamada de “*Metal Midlands*”, não em virtude do gênero musical, mas por serem o centro da indústria metalúrgica inglesa. Os integrantes do Black Sabbath são nativos de Birmingham, do bairro industrial de Aston, sede de fábricas de bebida e siderúrgicas massivamente bombardeadas durante a Segunda Guerra Mundial – contam os integrantes que tocavam em pubs ainda em meio a escombros. Rob Halford, do conjunto Judas Priest, estudava em uma escola localizada em frente a uma usina metalúrgica na cidade de Walsaw. Nos EUA o público *heavy metal* teria importantes contingentes nas áreas desindustrializadas do meio-oeste (Berger, 1999, Walser, 1993, Weinstein, 2000). Assim, autores de língua inglesa associam o *heavy metal* em seu surgimento à juventude de camadas operárias de Grã-Bretanha e Estados Unidos, que até o presente momento somariam quantidade expressiva de seu contingente. Weinstein aponta uma série de características desse mundo artístico como herdadas de um ethos “blue collar”. No entanto, Berger e Walser apontam pesquisas que associam o *heavy metal* também a camadas médias dos EUA, e Berger em sua pesquisa dissocia o *heavy metal* atual de uma camada social específica. Hein, autor francófono, destoa da opinião corrente e demonstra com base em dados estatísticos que o público *heavy metal* da área da Alsácia-Lorena, na França, é composto hoje em dia principalmente por jovens de camadas médias e de alto grau de escolarização (Hein, 2003). No Brasil os fãs de *heavy metal* provêm majoritariamente de camadas médias, embora o ethos *blue collar* e metalúrgico pareça também estar presente, como sugere a forte presença do gênero no ABC paulista, área natal do guitarrista do Sepultura, Andreas Kisser.³⁰

Percebe-se nessa citação que o ambiente em que cresceram os jovens dessa primeira geração do *heavy metal* foi de fundamental importância para a criação das letras e da maneira como eles se apresentavam ao público. Foram

³⁰ *Ibidem* p.72

Segundo Deena Weinstein (Heavy metal: the music and its culture, 2000. Editora Da Capo Press), “Blue Collar” é um termo geralmente aceito pela subcultura heavy metal que seus membros são bracos e jovens. Essa idéia é mais difundida na Inglaterra do que nos Estados Unidos, pois ambos foram centros da proliferação do movimento heavy metal no mundo.

esses elementos imagéticos que influenciaram muitas bandas da década de 80. A presença de palco, por exemplo, tem uma intenção que é a de interagir com a platéia. Eles precisam se comunicar com seus ouvintes e uma das maneiras de fazer isso é através do uso de vestimentas, nos gestos etc. estes signos serão apropriados pelos jovens que copiam seus ídolos para cada vez mais parecer com eles e se identificar com seu estilo.

Estes elementos também participam como signos de um dado modelo de identidade que estes jovens encontraram para se definir na sociedade. Tudo que os compõem, desde as roupas, até os trejeitos, tem mais sentido quando vemos tudo isso se integrando no ambiente em que eles se encontram, ou seja, shows e encontros do grupo. O primeiro Rock in Rio³¹ foi onde essa massa de adoradores do *heavy metal* se viu pela primeira vez dentro de um universo global que estava surgindo no Brasil com o fim da ditadura militar em 1984. Até então, não se tinha idéia de como a cena tinha chegado a essas proporções. As bandas de *heavy metal* que participaram do evento foram o Iron Maiden (na época estava em turnê de um dos seus álbuns mais controversos, o Number of The Best, o qual traz em sua capa a figura de um demônio segurando um tridente); WhiteSnake que hoje é

³¹ Artistas que se apresentaram nos 10 dias do festival:

11/01/1985 - Sexta-Feira (Ney Matogrosso, Erasmo Carlos, Baby Consuelo e Pepeu Gomes, Whitesnake, Iron Maiden, Queen. Público: 150 mil pessoas).

12/01/1985 – Sábado (Ivan Lins, Elba Ramalho, Gilberto Gil, Al Jarreau, James Taylor, George Benson. Público: 250 mil pessoas)

13/01/1985 – Domingo (Os Paralamas do Sucesso, Lulu Santos, Blitz, Nina Hagen, Go Go's, Rod Stewart. Público: 90 mil pessoas)

14/01/1985 - Segunda-Feira (Moraes Moreira, Alceu Valença, George Benson, James Taylor. Público: 30 mil pessoas)

15/01/1985 - Terça-Feira (Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens, Eduardo Dusek, Barão Vermelho, Scorpions, AC/DC. Público: 50 mil pessoas)

16/01/1985 - Quarta-Feira (Os Paralamas do Sucesso, Moraes Moreira, Rita Lee, Ozzy Osbourne, Rod Stewart. Público: 40 mil pessoas)

17/01/1985 - Quinta-Feira (Alceu Valença, Elba Ramalho, Al Jarreau, Yes. Público: 20 mil pessoas)

18/01/1985 - Sexta-Feira (Kid Abelha & Os Abóboras Selvagens, Eduardo Dusek, Lulu Santos, The B-52's, Go Go's, Queen. Público: 250 mil pessoas)

19/01/1985 – Sábado (Baby Consuelo e Pepeu Gomes, Whitesnake, Ozzy Osbourne, Scorpions, AC/DC. Público: 250 mil pessoas)

20/01/1985 – Domingo (Erasmo Carlos, Barão Vermelho, Gilberto Gil, Blitz, Nina Hagen, The B-52's, Yes. Público: 200 mil pessoas)

Disponível em: <<http://www.itubainaradioretro.com.br/index.php/2010/01/12/o-rock-in-rio-de-1985/>> Acesso em maio de 2011

considerada uma banda de *hard rock*, mas na época estava entre as bandas de *heavy metal*; Ozzy Osbourne (ex-vocalista do Black Sabbath) que nesse período já tinha optado em fazer carreira solo, e ficou mais conhecido pelo folclore, marketing e bizarrices – uma das mais conhecidas foi ele ter comido a cabeça de um morcego no palco (no entanto isso nada mais era do que uma maneira de fixar o seu personagem de “Príncipe das Trevas”); Scorpions (banda alemã de *hard rock* que estava no auge de sua carreira, tocando clássicos como Rock You like a Hurricane. O Rock in Rio não foi apenas um evento de música no Brasil, ele também representou uma ruptura nos padrões dos novos grupos de *heavy* que estavam para surgir. Até então não se pensava em ter o *heavy metal* tocado em inglês. Portanto, podemos situar este contexto histórico em dois momentos: o antes do Rock in Rio, no qual existiam bandas de rock pesado em todo Brasil, e suas canções eram tocadas em português; e o pós Rock in Rio, o qual deixou marcas na sociedade jovem e, a partir disso, os conjuntos de metal passaram a usar o inglês nas canções, pois esta era a língua que era tocada pela maioria das bandas no mundo. Exemplo disso é o Scorpions, uma banda alemã de *hardrock/heavy* e que usava o inglês em suas canções.

Foram 10 dias de shows de *heavy metal*, *Rock* e MPB e foi nesse evento, que surgiu, na imprensa brasileira, as primeiras impressões sobre o *heavy metal*. A emissora de TV Rede Globo cunhou um nome para os *headbangers*³², chamando-os de “metaleiros”. O “metaleiro” para o *headbanger* foi um termo que nunca existiu e, para o grupo, essa nunca foi uma maneira de identificá-los. O motivo da não aceitação é que essa emissora os retratava como jovens violentos e transgressores da sociedade. No evento percebe-se que no Brasil existia outra cultura jovem e esta estava em desenvolvimento. A partir dos shows, alguns empresários lançaram discos das bandas brasileiras, pois perceberam que havia um mercado consumidor. Foram diversas coletâneas, reunindo várias bandas em únicos discos, na tentativa de começar a inserir novos artistas no mercado. Estes artistas novos da cultura *heavy* tornaram-se a base para o desenvolvimento de novos talentos.

³² *Headbanger* e *metalhead* são nomes dados aos que gostam do estilo musical em questão e fazem parte dessa cultura em formação. O termo tem mais sentido dentro do universo tribal *heavy metal* onde os membros do grupo assim se reconhecem.



Figura 3: Rock in Rio I, 1985.

Fonte: <http://i.diariodorio.com/2010/08/RockinRioI.jpg>

Com isso, são formadas não só novas bandas, mas também uma cultura *heavy* baseada inicialmente nos artistas internacionais e nos estilos *do heavy metal* que estavam ganhando cada vez mais espaço no mercado internacional. Assim, bandas como Venom, Celtic Frost, Judas Priest, King Dimmond, Alice Cooper, KISS, Iron Maiden, Saxon, dentre outras, vão dar as primeiras idéias para a cena do metal brasileiro.

É interessante notar que o Rock in Rio uniu os *bangers* de todo Brasil num só lugar, onde puderam trocar experiências e conhecer mais a cena do metal que estava emergindo em todo país. Nesse caso, quando se fala em “cena do metal”, entende-se como sendo o conjunto formado pelos shows, pelas bandas locais e pelos fãs que elas reuniam. Antes do evento em questão, a cena do metal brasileiro era de certa forma fragmentada, e como poucos artistas internacionais haviam feito shows no Brasil, esse evento por trazer grandes nomes *do heavy metal* mundial, teve como resultado uma maior visibilidade ao *heavy metal* e às bandas nacionais de *rock*.

Para se ter uma idéia, os números que o site Metal-archive (www.metal-archives.com) armazena sobre a cena do metal mundial mostra um numero significativo de bandas que foram criadas nos Estados brasileiros entre a década de 80 até 1990. Podemos citar os estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de

Janeiro e Rio Grande do Norte. Em São Paulo estava a maior concentração de bandas que lançaram algum material fonográfico, totalizando 137 bandas; no Rio de Janeiro, 46; em Minas Gerais, 56; no Rio Grande do Norte, apenas 8. Os números podem parecer poucos, mas deve-se observar que foram 10 anos para que ocorresse essa proliferação, levando em consideração também o panorama histórico e socioeconômico vivido pelo jovem dessa época. Nesse sentido, não bastava ter apenas uma banda com os componentes, era necessário ter os instrumentos, público para apreciação e gravadoras interessadas em seu material.

Em todo Brasil, além da dificuldade de comprar instrumentos para a formação das bandas, era preciso também locais e pessoas preocupadas em lançar no mercado musical bandas com uma proposta diferente. É nesse sentido que muitas lojas de CDs acabavam lançando estas bandas. O selo Cogumelo, que lançou o Sepultura, era uma loja de discos de Minas Gerais onde muitos jovens iam para comprar seus discos e ouvir outros artistas. As lojas de discos que vendiam álbuns de *heavy metal*, se tornavam ponto de encontro para estes jovens trocar experiências e conhecer mais pessoas envolvidas com o rock pesado. O primeiro álbum do Sepultura, que na verdade foi um Split³³ com a Overdose, mostrava uma banda com pouca musicalidade e uma proposta ainda bastante influenciada pelas bandas internacionais. Uma das dificuldades dessas primeiras bandas era conseguir cantar em inglês, pois poucos tinham conhecimento da pronúncia das palavras e habilidade para escrever as letras das canções. Os integrantes da banda Sepultura, no seu primeiro LP, *Bestial Devastation*, gravado em apenas dois dias, mesmo cantando em inglês, não dominavam o idioma estrangeiro e, através de amigos, fizeram a tradução das suas letras do português para o inglês. A partir do segundo álbum, a banda já começava a mostrar um potencial maior e criar uma identidade própria contribuindo para a criação do que seria um *heavy metal* brasileiro.

Bandas como Sepultura deram um impulso maior no mercado brasileiro, quando se lançaram no mundo, sendo conhecidas em vários países. Pode-se

³³ *Split* eram LPs lançados em que no lado A ficava algumas músicas de uma banda e, no lado B, músicas de outra banda. Neste caso, eram o Sepultura e o Overdose sendo lançadas pelo Selo independente Cogumelo, que na época era apenas uma loja de discos onde muitos jovens se encontravam para ouvir música.

dizer que, em se tratando de *heavy metal*, o Sepultura foi a banda brasileira que teve mais repercussão mundial nesse mercado e que até hoje é considerada uma das melhores bandas de nosso país.

O importante é saber que nesse período, início da década de 80, o Brasil ainda estava começando a colocar sua própria leitura do Rock no mundo, pois, em se tratando de um país de terceiro mundo, muitos não tinham idéia do nosso grande potencial. É possível ver isso no documentário de Sam Dunn (*Global Metal: o Rock ao redor do Mundo*, 2008), que, sendo um antropólogo, fez o filme mostrando as peculiaridades do *heavy metal* em várias partes no mundo, incluindo o Brasil em uma de suas paradas. Ele explica que o metal estava inserido dentro de um fenômeno muito maior que é a globalização, e neste documentário fica claro que cada cultura busca sua identidade e significados para o *heavy*. Dunn explana que a imagem do Brasil é geralmente associada a praias, futebol e samba, mas também teria uma grande cena do metal. Nas suas entrevistas com os membros das bandas Sepultura, Angra e Dorsal Atlântica, é mostrado que antes de 1985 havia uma dificuldade grande em se conseguir qualquer coisa que vinha de fora, pois o mercado era fechado. No Rock in Rio de Janeiro de 1985, bandas mundialmente conhecidas como Scorpions, Iron Maiden, Ozzy Osbourne e White Snake abriram caminho para que estes jovens sonhassem em ter uma banda.

Percebendo esse contexto histórico, o Brasil estava vivendo um novo país que acabara de se libertar de uma ditadura que durou 25 anos. Para esta massa de jovens, o festival Rock in Rio era muito mais do que música e agitação, era o momento de liberdade de expressão e de comunicação.

2.2 O Heavy Metal brasileiro na década perdida dos anos 80

O Brasil na década de 70 teve uma aceleração na indústria, se modernizando e consolidando seu aparato produtivo, o que tornou o país mais urbano e industrializado. Nesse sentido, também foi crescente a geração de empregos tornando o processo favorável para o que muitos autores chamam de

“milagre econômico” (GRUNMANN, 2004). Boris Fausto³⁷ ainda defende que este período era caracterizado pelo panorama da economia mundial, que teve reflexos no Brasil, o que resultou em um terreno favorável para o desenvolvimento da indústria de bens de consumo.

O período do chamado ‘milagre’ estendeu-se de 1969 a 1973, combinando o extraordinário crescimento econômico com taxas relativamente baixas de inflação. O PIB cresceu na média anual, 11,2%, tendo seu pico em 1973, com uma variação de 13%. A inflação média anual não passou de 18%. Isso parecia de fato um milagre. Só que o fenômeno tinha uma explicação terrena e não podia durar indefinidamente.³⁴

Nesse sentido, percebe-se que foi neste momento, tanto a nível mundial, quanto nacional, que a cultura *heavy metal* teve seu embrião. A repressão do regime militar freava de certa maneira a entrada de produtos que fossem considerados opositores ao governo e, mesmo assim, muitas bandas começaram suas atividades nessa época em que a economia estava favorável para muitos brasileiros. Pedro Alvim Leite Lopes³⁸, em sua tese de doutorado, busca mostrar a etnologia do universo cultural artístico do *heavy metal* no Rio de Janeiro. São duas linhas de pesquisa e uma hipótese principal. Seria uma etnografia do gênero musical *heavy metal* e, em seguida, a tentativa de compreender por que o *heavy metal*, apesar de sua importância no panorama cultural brasileiro, é ainda um tabu artístico dos mais discriminados na cidade do Rio de Janeiro. Sua hipótese principal é de que o *heavy metal* converte símbolos de determinadas tradições religiosas em convenções artísticas questionadoras e por vezes positivadas, e que, dessa forma, provoca a rejeição social por grande parte dos não adeptos. Já na década de 70, havia muitos grupos de “rock pauleira” que faziam um som diferente e de certa forma inspirado em artistas estrangeiros.

Na década anterior, de 1970, havia no Brasil fãs das bandas de “rock pauleira”, como era chamado o rock pesado da época, posteriormente associadas às origens do estilo *heavy metal*, como as de *hard rock* Led Zeppelin, Deep Purple e a considerada por muitos como a fundadora mítica e a primeira do gênero metal: o Black Sabbath. Em 1974 houve apresentações do cantor de rock Alice Cooper (norte-americano da cidade industrial de Detroit), posteriormente incluído na cena metal e ainda em atividade, com

³⁴ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 12 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

suas performances teatrais e maquiadas, de temática fantástica e de terror. Existiam algumas bandas nacionais inspiradas no rock clássico (Beatles, Rolling Stones, blues-rock e rock psicodélico) como o Made in Brazil (fazendo covers de Troggs e Kinks desde 1967, Leão, 1997), O Terço, A Bolha, Os Mutantes, O Peso, Bixo da Seda (gaúcha), Tutti Frutti (banda acompanhante de Rita Lee pós-Mutantes), Patrulha do Espaço (de Arnaldo Batista), Casa das Máquinas, e Vímana (de Ritchie, Lulu Santos e Lobão, de inspiração mais calcada no rock progressivo) (Leão, 1997:2000). No início dos anos 1970 o conjunto de MPB (música popular brasileira) paulista (com um português e um cantor matogrossense) Secos e Molhados, do cantor atualmente em carreira solo Ney Matogrosso, reunia multidões em shows em grandes estádios (25 mil pessoas no show de 23 de fevereiro de 1974 quebrando o recorde de público do Maracanãzinho) e vendia milhares de cópias (números não oficiais atestam 1 milhão, superando as médias de 600 mil de Roberto Carlos na mesma época, além da grande vendagem de 250 mil discos no México). As maquiagens e o investimento teatral de suas performances (iniciadas ao acaso, quando Ney Matogrosso chegou para um show ainda com a maquiagem de uma peça em que atuava, e a manteve no palco) pareciam prenunciar conjuntos associados ao *heavy metal* como o de Alice Cooper e os pioneiros do metal internacional no Brasil(...).³⁵

A turnê do Kiss (Junho, 1983) é considerada o marco para o início do *heavy metal* no Brasil. As bandas Alice Cooper, Van Halen e o Queen³⁶ já haviam feito apresentações em terras brasileiras, mas como ainda não tinham na época tanta repercussão e fama quanto o Kiss, não tiveram a mesma importância para o surgimento das primeiras bandas *heavy* no Brasil. Mesmo assim o Alice Cooper deixou sua marca, pois muitas bandas vão inspirar-se em seu visual *shock*³⁷ (a banda mineira Sarcófago, de *Death Metal* utilizava maquiagem inspirada em Alice Cooper como uma maneira de chamar atenção e também de inserir uma temática mais sombria e mórbida). De todos os shows que a banda Alice Cooper fez em sua carreira, o de 1974 no Brasil foi o mais bizarro, palavras do próprio fundador

³⁵ LOPES, Pedro Alvim Leite. *Heavy Metal no Rio de Janeiro e dessacralização de símbolos religiosos: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz*, 2006. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ, 2006. p.136-137

³⁶ Alice Cooper se apresentou pela primeira vez no Brasil em 1973. O Queen veio depois, em 1981, e o Van Halen, no início de 1983.

³⁷ Visual *Shock* é a maneira que bandas como o Alice Cooper (primeira banda a unir teatro e terror em seus shows) utilizavam maquiagem em suas apresentações. Bandas de *hardrock* nos anos 80 vão utilizar o visual *shock* mas de uma maneira "reciclada".

da banda em uma nota retirada do site Wiplash³⁸. Foram mais de 120 mil pessoas no pavilhão do Morumbi em São Paulo ficando conhecido na época como “aquele maluco da cobra” pela suas performances exóticas utilizando uma jibóia em cena.

Ele foi o primeiro artista do rock pesado americano a tocar na América Latina. Seus shows eram como filmes de horror B – havia desde a decapitação, vampiros e sangue, utilizando também muitos elementos de mágica mostrando a morte do cantor ao vivo (LEÃO, 1997).

Nesse contexto, o Brasil ficou marcado pela ditadura militar. O interessante é mostrar como este regime deu vazão para o crescimento de uma sociedade que era contrária ao autoritarismo, suas influências vinham de terras distantes e, de certa forma, ganhava uma identidade nova que se constituía em diversos países. A exemplo disso tínhamos os músicos da MPB, que através da sua música, criticavam o governo e sua política autoritária.

No Brasil uma parcela de jovens saiu às ruas para lutar contra a repressão, utilizando diversas maneiras de mostrar seu descontentamento, e formando grupos/tribos que se engajaram no panorama político do país, não se prendendo à expansão do capitalismo que estava chegando a nosso território com uma explosão de novidades vindas dos países do bloco hegemônico, como Estados Unidos, Alemanha Ocidental, Inglaterra, França e Itália.

Num período relativamente curto de cinquenta anos, de 1930 até o início dos anos 80, e, mais aceleradamente, nos trinta anos que vão de 1950 ao final da década de 70, tínhamos sido capazes de construir uma economia moderna, incorporando padrões de produção de consumo próprios aos países desenvolvidos. Fabricávamos quase de tudo. O aço, até aços especiais, na Companhia Siderúrgica Nacional, na Cosipa na Usiminas, na Acesita, em Tubarão etc. Saíam da Petrobrás e de suas subsidiárias, da indústria petroquímica, o petróleo e seus derivados, a gasolina, o óleo diesel, o óleo combustível, o asfalto, o plástico, o detergente, vários outros materiais de limpeza os produtos que permitem a fibra sintética.³⁹

³⁸ Disponível em: <<http://whiplash.net/materias/citacoes/063915-alicecooper.html>>, acesso em 19 maio/2011.

³⁹ SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). *História da Vida Privada no Brasil: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Já nesse período, o Brasil dispunha de diversas maravilhas modernas criadas para facilitar a vida cotidiana. Desde a indústria do entretenimento, onde os aparelhos de TV proporcionavam uma maior proximidade com os acontecimentos do país, até os programas de TV. A música, então, era uma indústria em pleno crescimento no Brasil e, aos poucos, começou a se inserir na vida das pessoas, através das tele novelas, radio novelas e comerciais. Foi não somente a chegada da indústria da música, mas o crescimento da propaganda e do marketing. Em contraste com tanta novidade e modernização, estava o controle estatal dos programas da TV e do rádio, bem como de todos os produtos importados e considerados de origem “duvidosa”. Talvez fosse uma forma de silenciar uma sociedade, bombardeando-os com o *american way of life*. É importante salientar que a indústria fonográfica começou a crescer em nosso país também em função das telenovelas, que colocaram as músicas dos artistas em suas trilhas sonoras. Dessa forma, tanto a imprensa quanto a indústria da música começam a trabalhar juntas na divulgação de artistas da MPB, como Roberto Carlos.

Este regime autoritário tentava desarranjar toda e qualquer organização sindical e estudantil, proibindo as greves e manifestações, chegando a prender, torturar e matar muitos líderes sindicais e estudantis. Era por causa dessa força de coerção que muitos jovens não formavam bandas de *rock* ou *heavy metal*, pois estes estilos musicais criavam a idéia de radicalismo, liberdade, poder, pensamentos trazidos pelos movimentos da contracultura encontrado nas letras das músicas em inglês em muitos discos da primeira geração do *heavy metal*⁴⁰. Foi também por causa deste regime que a entrada de artistas já citados, como Queen e Van Halen, não ganharam a atenção que mereciam, pois estas bandas

⁴⁰ A primeira geração do *heavy metal* refere-se às bandas que começaram a definir um som mais pesado para a época, como Led Zeppelin, Deep Purple, Blue Cheer, Cream e muitas outras. Bandas que também tinham uma forte influência da contracultura nas suas letras e até mesmo no nome das bandas. A banda Black Sabbath, antes de gravar seu primeiro disco, se chamava Earth (Terra), mas a banda queria um nome mais chamativo e dessa forma passou a se chamar Black Sabbath, que faz alusão aos rituais de bruxaria, e também pelo fato dos integrantes ensaiarem ao lado de um cinema que exibia filmes de terror. A partir desse conceito, vão criar toda a indumentária, som e letras das músicas com influências destas duas linhas: o terror dos filmes da época associado com a contracultura. A segunda geração começa com bandas como Venom, Iron Maiden, Judas Priest, Motörhead e Metallica, grupos que vão fazer muito sucesso na década de 80, criando os diversos sub-estilos que compõem o universo do estilo musical em questão: *New Wave of British Heavy Metal* (Iron Maiden e Judas Priest), *Thrash Metal* (Metallica, Sepultura, Dorsal Atlantica), *Black Metal* (Venom).

tiveram uma passagem no Brasil talvez pouco divulgada pela mídia. Já no ano de 1983, a banda Kiss chegou em um momento em que o regime militar estava em decadência e, aos poucos, abria as portas para o mercado estrangeiro – período da história conhecido como a década perdida, fazendo uma turnê em junho de 1983, quando realizou show no maracanã com a lotação esgotada, mais de 180 mil pessoas durante a turnê de *Creatures of the Night*. Foi a primeira banda a fazer um show de tamanha proporção no Brasil e todo o espetáculo foi seguido de muita controvérsia, em função da banda sempre aparecer em público mascarados, fazendo com que grupos religiosos e pais se revoltassem com a presença do grupo americano. Foram perseguidos por grupos religiosos que alegavam eles serem enviados do inferno no qual o nome da banda representava uma sigla que significa “*kids in satan’s service*” (garotos a serviço de satã). (LEÃO,1997).

Em contrapartida a tudo isso estava o momento de declínio vivido por muitos países do mundo. Na chamada década perdida dos anos 80, o aumento do preço do petróleo fez com que a economia mundial fosse abalada. Um dos motivos foi a crise do petróleo. Dentre a maioria dos produtos que vinham sendo comercializados nessa época, muitos eram derivados do petróleo, como o disco de vinil e, quando o preço do petróleo subiu, mais de 90% dos produtos industrializados também subiram de preço, gerando crises em países desenvolvidos. Além disso, muitos países em desenvolvimento fizeram empréstimos, fazendo com que sua dívida externa duplicasse em menos de 10 anos, o que gerou um clima de tensão a nível mundial. Entre o final da década de 60 e o final da década de 70, o total da dívida externa destes países não-produtores de petróleo ficava na casa dos bilhões (FAUSTO, 2004). E, por esta razão, começou a grande crise mundial, que teve início na década de 70 e terminou na década de 80, crise sobre a qual o autor Hobsbawm comenta que “para muitos, teria sido melhor não ter existido” (HOBBSAWM,2006). Em função disso, percebe-se que a crise afetou a economia dos países, mas não impediu o movimento do *heavy metal*, que na década de 80 se desenvolveu, proliferando-se em muitos países subdesenvolvidos como é o caso do Brasil.

Essa breve contextualização histórica serve para perceber como os grupos jovens estavam inseridos dentro do processo e panorama do país. Em dois momentos diferentes, o *heavy metal* no Brasil tinha tudo para ser reprimido e construído ao mesmo tempo, pois no ambiente em que ele se desenvolveu a música estava sendo combatida com a deportação e censura. Ficava cada vez mais complicada a cultura jovem ter sua vez em nosso país.

As realidades sociais vão dessa forma sendo construídas, tendo como base o momento de crise econômica mundial. Dessa forma, os jovens serão também afetados pela crise. No decorrer dos anos 80 talvez fosse difícil pensar em uma cena do *heavy metal* surgindo e se firmando com uma pequena parcela da sociedade, pois, se era difícil adquirir material, mais ainda seria montar uma banda, já que os equipamentos fundamentais como bateria, guitarra, baixo, teclado, microfone, eram de difícil acesso e caros para os padrões do brasileiro.

No entanto, a realidade da cultura jovem ligada ao seguimento musical em questão foi sendo construída mesmo em meio às dificuldades. O vocalista da banda Sepultura comenta no documentário “Global Metal: o Rock ao redor do mundo” (2008), produzido por Sam Dunn, que na época era difícil ter os instrumentos, mas mesmo assim de algum modo eles superavam as dificuldades e começaram suas atividades em meados da década de 80, logo depois do primeiro Rock In Rio. Através da imagem abaixo (Figura 04), pode-se ter uma idéia também de como essas adversidades eram superadas:

DEVASTAÇÃO

-*DEVASTAÇÃO é semente Thrashcore, lançada do mais escuro Underground, sem equipamento e com instrumental emprestado. Nada de covers dançantes ou letrinhas utópicas; somente ódio, guerra, tempestade nuclear, à maneira dos que adotam/ a anti-postura Hardcore. Não se importam com as regras da mídia e estiram o dedo aos grupinhos burgueses de garagens bem equipadas, cujos ensaios acabam em nojentas faixas não úteis a fim de "conseguir dinheiro". Abaixo a juventude feliz da praia e do surfe; da burguesia young metida a "metaleira"; o poseirismo sobrevive às custas de quem acredita em Rock como modismo pesado, origen do sensacionalismo Heavy que acontece hoje em Natal e no Brasil. O DEVASTAÇÃO traz o antídoto.

-INFLUÊNCIAS: da vida que a gente está levando.

-ESTILO: Thrashcore

-ENSAIOS: num quarto, sem bateria.

-INTEGRANTES (instrumental):

- *Death Trap (bateria)
- *Rômulo (guitarra solo)
- *Trash (guitarra base)
- *Careca (voz)
- *Micke (baixo)

-AGRADECIMENTOS: Rodrigo Hammer (jornal 'The Action File'), Bruno Bruce ('Metal Command'), Gurgel, Mício e Mará.

-MIJADA: na cara de quem deu contra, desencorajou, posers que estão fingindo apoio, curiosos, espíões, etc.

***'FAIXAS DO CONCERTO':

- * POME
- * RACIONAL
- * EU SOU
- * CABEÇA
- * DEVASTAÇÃO

-EM BREVE: Demo-Tape "Esperando O Fim" (lançamento independente).

-CONTATOS: 'DEVASTAÇÃO' a/c Carlos Gurgel (poeta).

"A MORTE LHE ESPERA NO FUTURO, NADA MAIS." *Hellangel*

Figura 4: Release (liberação do material da banda) da extinta banda Devastação, de Natal/RN

Fonte: <http://rockinnatal.blogspot.com/2010/11/devastacao-em-natal.html>

A imagem acima (Figura 04) mostra a postura dos jovens que usavam o *thrash metal* como crítica à sociedade. Muitos jovens acabaram adotando isso como um estilo de vida e identificando o grupo numa postura mais radical. As influências desse estilo de vida veio da década de 70, com o movimento *punk* e *hardcore* que leva uma vida sem se importar com o pensamento das massas e rejeitando as classes mais abastadas. Podemos notar na imagem que alguns

membros da banda não colocam o seu nome de nascença, eles preferem modificá-lo para que sejam reconhecidos de uma maneira mais despojada.

Como já foi explicado anteriormente, o festival nacional do Rock in Rio uniu os *headbangers* do Brasil num só lugar e em um dado momento. Naquela ocasião, no ano de 1985, a cultura *heavy metal* que antes estava “reprimida” (no sentido de que existia muitos adoradores do estilo, mas era uma cena fragmentada pela distância), agora mostrava sua cara.

As diversas formas e representações que norteavam uma cultura dialogavam com a realidade de cada indivíduo de várias partes do Brasil e, neste sistema, o *headbanger* estava construindo não só um grupo social diferente e radical, mas uma série de signos e representações que naquele lugar e naquele momento faziam sentido para eles. “Bater cabeça” (que vem da tradução *headbanger*), “entrar no *moshpit*” ou “dar um *stage diving*”⁴¹ eram ações imbuídas de muita significação. Primeiramente porque estas manifestações simbolizam a aceitação no grupo, a liberdade e um momento único na mente destes jovens.

A fotografia abaixo (Figura 05) ilustra um garoto pulando do palco em direção ao público, que deve segurá-lo e passá-lo para a multidão, ação conhecida como um *stage diving*.

⁴¹ “Bater cabeça” é o ato do *headbanger* balançar o pescoço jogando a cabeça num vaivém vertical. A roda ou *moshpit*, é o momento em que fãs se esbarram durante os shows, e o *stagediving* ocorre quando um fã ou um músico salta do palco nos braços do público. Estes últimos teriam se originado na cena do *punk rock*.



Figura 05: Um *stage diving* no Show da banda paulista Viper, em 1988.

Fonte: <http://rockinnatal.blogspot.com/2010/11/estreia-especial-post05-metal-em-natal.html>

Seja nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte ou Natal, os pontos de encontro eram quase sempre os mesmos. Na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, os poucos grupos que existiam se encontravam geralmente na casa dos amigos para as “*sessions*” (palavra em inglês que significa sessão), para ouvir suas bandas, conversar sobre política e histórias do cotidiano, ou ainda nas lojas de discos para ver o que tinha de novo. Nesse período ainda havia o problema do alto preço dos discos e, ainda mais importante, do aparelho de som. Por este motivo, muitos se aglomeravam ou na casa de quem tinha o som ou nas lojas que estavam cada vez mais especializadas em vender vinis de *heavy metal*, como aconteceu com a loja de discos Cogumelo, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Como o dinheiro era pouco devido às dificuldades da época, a gravação de fitas cassete se tornou o meio mais barato para se ter acesso às músicas. A imagem abaixo (Figura 06) representa um grupo de jovens reunidos em Natal/RN para uma *session*, onde geralmente se ouvia os discos das suas bandas preferidas, enquanto conversam sobre os mais variados temas ou viam os shows das bandas em VHS.



Figura 06: "Session em P.J."

Fonte: <http://shw.carlos.fotopages.com/49647/Session-em-PJ.html>

2.3 Vestimentas e a identidade do jovem que ouve *heavy metal*

Os fãs que integram o ambiente do *heavy metal* têm características estéticas que os diferenciam de outros grupos da sociedade. Cabelos longos, camisetas de banda com a estampa das capas dos discos ou CDs, geralmente de cor preta, embora na década de 80 também fosse possível encontrá-las na cor branca, calça jeans, tênis esportivo, tatuagens, brincos e argolas, botas de couro, jaquetas de couro ou jeans, casacos, coturnos; utilizam ainda braceletes de couro ou com pinos (utensílios usados primeiramente na moda punk, que os *metalheads* incorporaram depois), pulseiras estilo hippie, colares característicos (alguns usam cruz invertida como forma de protesto ao cristianismo, outros usam pentagramas ou medalhas de guerra), além de *Bullet Belt* (cinto adornados com balas).

Muitos destes adereços e símbolos remetem à cultura cristã, como é visto nas estampas das camisetas que carregam as capas dos discos. O pentagrama e a cruz invertida demonstram não somente um repúdio ao cristianismo, mas é

também uma maneira de chocar a sociedade ou de mostrar suas convicções. De certa forma, esses símbolos acabam gerando uma exclusão destes grupos na sociedade e, assim, começa a se criar uma imagem negativa do *metalhead*. A partir disso, o meio social vivido por eles ganha um novo sentido e uma nova roupagem, conhecida como o meio *underground*. O *underground* é um termo não só utilizado pelos *bangers*, mas para nomear todo meio musical formado pelas bandas que não conseguem se tornar populares em meio à cultura de massa – linha que separa a fama do “anonimato”. Um exemplo disso foi a banda Metallica, que até a época do álbum *Justice For All* era considerada uma banda de *thrash metal underground*, mas quando gravou o *Black Album* muitos viram que o som estava comercial demais, de modo que os álbuns que o sucederam ficaram ainda mais comerciais, fugindo do estilo que personificou banda na década de 1980 (LOPES, 2006).

No que diz respeito à resistência aos valores cristãos ou sociais, ela não se expressa apenas através das vestimentas. Nas letras das músicas, é possível observar que há um discurso sendo construído para um fim muito maior. Discurso que foi apropriado do *Rock* dos anos 60 e 70, onde se denunciava a sociedade tradicionalista e seus modelos de comportamento, como já foi explicado no capítulo anterior. A cruz invertida, por exemplo, é uma maneira de dessacralização de símbolos religiosos que foram durante muito tempo intocáveis. A banda carioca de *saravá metal* (*Saravá Metal* foi o estilo de *heavy metal* que a banda em questão criou para si, sendo ela a única no mundo que se intitula dessa forma por ridicularizar símbolos religiosos diversos) Gangrena Gasosa⁴² utiliza a cultura afro-brasileira (como os elementos do Candomblé) como temática principal para difamar e debochar dos próprios terreiros, dos símbolos da religião cristã, como os santos, da figura do demônio, dos deuses da cultura afro-brasileira e seus costumes (LOPES, 2006).

É interessante notar também que muitas bandas vão não somente se utilizar da dessacralização como meio de repúdio à religião e aos modelos da sociedade de como agir pensar, mas também como meio de ganhar aceitação do

⁴⁵ Banda que tem sua formação em 1990 mas seu primeiro álbum *Welcome to Terreiro* só foi lançado em 1994, é um dos exemplos de bandas brasileiras que cantam em português.

público que se identifica com estas ações, como é o caso da banda americana de *thrash* Slayer. Um dos seus álbuns mais controversos é o *Hell Awaits*, onde colocam o inferno e o demônio como temas líricos comuns. Para a banda, que tem membros de formação religiosa católica, esse álbum tem esse nome por que chama atenção principalmente dos religiosos e da sociedade como um todo. É uma forma de marketing sendo construído juntamente com o discurso nas letras, capas de discos e na apresentação da banda, que é absorvida pelo seu público.

Toda essa simbologia permitiu ainda uma identidade universal em que estes grupos se identificam com fãs do estilo de outras partes do mundo. É o efeito da globalização que fez com que a cultura jovem fosse coligada em diversas partes do mundo, unindo os símbolos em comum e criando identidades de acordo com seu meio social. Por isso o visual é de grande importância para o *headbanger*, é ela quem define e identifica este grupo social.

Os *headbangers* com suas calças jeans surradas, cabelos compridos e camisetas que estampam o grupo preferido, já fazem parte da paisagem urbana contemporânea. Por exemplo na rua 24 de maio em São Paulo está situada a Galeria do Rock, que reúne lojas de discos, roupas e *posters* de *heavy metal* (segundo e terceiro andares). Os símbolos arquetípicos no *heavy metal* também funcionam como signos a partir do momento que servem para identificar um fã de *Rock* Pesado, mas ultrapassam essa utilização e se inscrevem como veículo fundamental no rito metálico, ou seja, na troca simbólica produzida pelo *heavy* entram em jogo os signos visuais, a sonoridade e as letras.⁴³

A idéia de grupos ou tribos se faz a partir do pertencimento, ou seja, da maneira de se identificar e pertencer ao meio social vivido. Estes “micro-grupos”⁴⁴, como Michel Maffesoli diz, se fazem a partir de uma função *ética* específica num quadro de comunicação. Seria como um cruzamento de “aldeias” que se opõem e se ajudam entre elas e ainda permanecem as mesmas. Sendo assim, a entrada

⁴³ JANOTTI JÚNIOR, Jeder S. *Heavy Metal: o universo tribal e o espaço dos sonhos*. Dissertação de Mestrado em Multimeios apresentada à Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP, 1994. p. 87-88.

⁴⁴ É uma maneira de falar de “tribalismo”, conceito criado por Michel Maffesoli onde ele fala que é um fenômeno que surge em nossos dias, acarretando uma série de conseqüências importantes para a estruturação do indivíduo e da sua vida social em seu conjunto.

do indivíduo para esses grupos começa a partir de sua identidade de pertencimento. Por isso, podemos dizer que a música é um agente formador da identidade dessas “tribos” e, sendo assim, vai contribuir para a seleção dos lugares (espaço físico) freqüentados, onde a ceitação desses jovens seja maior: lugares públicos como praças, lojas de discos, casa de “fulano” e etc (MAFFESOLI, 1994). São, portanto, pontos de encontro para a troca de experiências, onde a vestimenta os diferencia e identifica a tribo dos *headbangers*, formando este ambiente característico.

As atitudes ainda permeiam de uma maneira mais profunda e direta a maneira como os *bangers* são vistos pelos que estão fora desse grupo. A camiseta usada geralmente tem uma estampa que define o estilo de *heavy metal* que aquele fã escuta. No geral, este fã conhece ou está conhecendo muitas outras bandas daquele estilo. As informações dos grupos musicais, as novas bandas, os novos gêneros do *heavy metal*, tudo isso é passado e repassado para os amigos e conhecidos criando uma “irmandade” e, possivelmente, os primeiros fã clubes de artistas, de modo que alguns vão originar até empresas, como a revista RockBrigade, que começou com um clube de amigos que trocavam o material fonográfico, *posters*, e revistas.

Na entre os anos de 1970 à 1984 o acesso a estas informações no Brasil ainda era muito escasso, pois poucas rádios se dedicavam a difundir os grupos de *heavy* e as revistas ainda eram poucas. A revista nacional Metal (lançada em 1984, editora Diagrama, circulou de 1984 a 1989), por exemplo, tinha circulação nacional e se dedicava exclusivamente ao *Rock*. As capas em sua maioria estampavam artistas estrangeiros, trazendo muitas fotos e alguns artigos sobre a cena do *heavy metal* no Brasil, histórias e curiosidades das bandas estrangeiras e as novas que estavam surgindo.

Portanto, podemos entender que o momento em que as primeiras bandas de *rock* e *heavy metal* começam a se apresentar no Brasil (Alice Cooper em 1973, Queen em 1981, Van Halen e Kiss em 1983) foi, de certa forma, um divisor de águas. Mesmo que os shows anteriores ao do Kiss não tenham tido uma repercussão maior da mídia, estes eventos foram importantes para o que estava por vir. A presença do Kiss pode ter sido um importante marco para o *heavy metal*

no Brasil pelo fato deles serem muito mais populares do que as bandas anteriores. Então, a partir do Rock In Rio, muitos empresários da indústria da música começaram a ver que existia um filão mercadológico jovem completamente diferente dos artistas da MPB. É uma nova onda de músicos, entre 13 e 26 anos, que estão desenvolvendo sua identidade e atitude baseado numa cultura jovem crescente no mundo.

3. O *Heavy Metal* nacional no contexto do fim da ditadura militar

3.1 As referências da primeira geração de bandas do *heavy metal* nacional

A situação histórica que envolve o surgimento das primeiras bandas de heavy metal no Brasil corresponde ao final da ditadura militar, com a posse do General João Batista Figueiredo como Presidente da República. O Governo de Figueiredo dava continuidade à política anterior, do Governo Geisel, que era a abertura política, ou seja, planejar a entrega do governo aos civis. O Brasil vivia um clima de pobreza, crescimento da dívida externa e da inflação. Depois de um período de 21 anos de Regime Militar, estava na hora de abrir as portas para a democracia que o povo tanto ansiava. Em 1978, revogam o AI-5 através da Ementa Constitucional N°11 e sanciona a Lei de Anistia que perdoou os presos políticos e exilados, com exceção dos envolvidos com terrorismo e luta armada, bem como os torturadores do regime. Em 1979 Figueiredo extingui o bipartidarismo, dando forma à chamada "abertura Política", possibilitando a formação de muitos outros partidos políticos, como PP, PT, PDT e PTB. Era um momento de transição do regime militar, que durou 21 anos, para a democracia que ficou conhecida como a Nova República.

É neste contexto político que as bandas de heavy metal vão surgir. No entanto, as letras das canções que executam não fazem referência direta ao contexto político histórico brasileiro. Algumas trazem, sim, uma crítica aos costumes sociais, como a canção "Princesa do Prazer" da banda Dorsal Atlântica, que será analisada mais afrente. Muitas bandas escreviam suas canções pensando na realidade vivida pela própria banda e por seus integrantes, no que estavam sentindo naquele momento, e, não necessariamente, sobre o panorama histórico. Algumas até discorrem sobre as guerras que assolaram o mundo, personagens históricos marcantes como faz a canção "Anjo da Morte", da banda Holocausto que trata da Segunda Guerra Mundial. Nesse sentido, o *heavy metal* parecia se aproximar do pop *rock* nacional no que diz respeito às mensagens das

músicas, mas ao mesmo tempo se diferenciava por fazer o seu som pesado e agressivo.

Desse modo, o *heavy* brasileiro busca suas referências no *punk rock*, no *pop rock* nacional, nas músicas de protesto contra a sociedade apática e despolitizada que emergira de mais de vinte anos de ditadura. O *punk*, por exemplo, é um estilo derivado do *rock*, que se notabiliza por fazer críticas ao sistema, à sociedade, à religião. Sendo assim, as primeiras bandas, como Dorsal Atlântica, Azul Limão, Ratos de Porão e Stress, vão beber dessa fonte da onda *punk* da década de 70, do *pop rock* nacional, e mais ainda do *heavy metal* do Led Zeppeling, do *hard rock* americano do KISS, mas criando a sua própria identidade, o que vai gerar um estilo diferente daquele já presente no *rock* brasileiro.

Foi também uma época em que a sociedade jovem brasileira estava mudando, e a música foi uma presença constante na vida desses jovens, um elemento de constituição de suas subjetividades. O *punk rock* e o *pop rock* são oriundos dos anos 50 e 60, ou seja, tiveram forte influência dos movimentos da contracultura, do sucesso da banda Beatles, do *rock* psicodélico do Pink Floyd e Led Zeppeling, do experimentalismo e do orientalismo. Foi a onda do *rock* desenvolvida pela força de expressão dos jovens nos Estados Unidos e Inglaterra.

Nos anos oitenta o *heavy metal* ganhou estigmas de som ligado ao demônio, ocultismo, inimigos do religioso e amigos do profano. As bandas que fizeram crescer este tipo de imagem foram os grupos Venom, Iron Maiden, Judas Priest, Led Zeppelin, Black Sabbath, Ozzy Osbourne, King Diamond, MercyFull Fate, Slayer, Sodom, Sepultura, Sarcófago, Destruction, Celtic Frost, Metallica, Nuclear Assault, e muitas outras.

O Black Sabbath, por sua vez, foi o grupo pioneiro a ter suas letras ligadas a histórias de terror e satanismo. Sendo a banda mais cultuada de sua geração, o Black Sabbath deu os ingredientes básicos para a geração dos anos 80 fazer o som voltado para o obscuro, o desconhecido e as trevas.

O grupo Venom (formado em 1979), muito conhecido por fazer apologia ao demônio em suas letras, levava imagens de cruz invertida para o palco e também, nas capas de discos, figuras relacionadas a satanás, luxúria e ódio. É considerada a pioneira do estilo *Black Metal*. Em 1981, lançou o disco *Welcome to Hell* (Bem-vindo ao Inferno) com as músicas *Sons of Satan*, *Welcome to Hell*, *In League with Satan*. Na capa do disco, a imagem de um bode e um pentagrama, ambos símbolos do paganismo e satanismo. Em 1982, lançou o disco chamado *Black Metal*, e a partir daí ganhou fama e a alcunha de grupo demoníaco. Em função disso, muitos grupos vão querer fazer um som mais macabro e pesado tal como eles.

King Diamond, líder da banda *Mercyfull Fate*, elaborou para si e para o grupo uma imagem satanista, com temas relacionados a coisas macabras e sombrias. O vocalista King Diamond adotou um visual inspirado em Alice Cooper pintando o rosto como uma máscara macabra. Este personagem foi retratado nas revistas que circulavam no Brasil, inclusive na revista *Metal* N° 49, ano V, em um artigo chamado "Black Metal: A bíblia do Apocalipse", onde retratam o estilo em questão já que havia uma grande onda de novos grupos criando estas imagens e os jovens brasileiros estavam seguindo a mesma linha.

No Brasil, o *Sarcófago* e o *Sepultura*, ambos grupos de Minas Gerais, tiveram suas carreiras influenciadas principalmente por essas bandas já citadas: Alice Cooper, King Diamond (nome do vocalista e da banda), *Dorsal Atlantica*, *Venom* e *Iron Maiden*.

Foram grupos que tiveram a sua carreira definida nos anos oitenta, trazendo canções que iam na contra-mão do que a igreja cristã pregava, ou seja, usavam a imagem do mal para alavancar suas carreiras. Portanto, fica claro que o *heavy metal* feito no Brasil tinha também uma característica de chocar a sociedade, mas usando a mesma fórmula das bandas estrangeiras. Dessa forma, muitas bandas no Brasil ganham sucesso, se tornando referência mundial, como foi o caso dos grupos *Sarcófago*, *Sepultura*, *Holocausto* e *Dorsal Atlantica*. Mesmo que esta fórmula tenha sido a mesma, os conjuntos brasileiros vão criar sua própria identidade, de modo que muitas começaram gravando em português

e foram se moldando ao idioma inglês, o que reforça a ideia de que as bandas nacionais também refletiam o contexto da época, mas sem limitar o conteúdo das letras a temas específicos do contexto brasileiro, pois buscavam se inserir no heavy metal enquanto estilo global.

3.2 As bandas que surgiram no Brasil antes do Rock in Rio

Segundo Tom Leão (1997) demorou muito tempo para que o rock fosse aceito no Brasil como um novo seguimento da música. Ele cita uma música de Rita Lee para fundamentar sua idéia, que diz: “roqueiro brasileiro sempre teve cara de bandido”. Essa imagem foi e ainda é um estereótipo, uma barreira tanto para o *rock* quanto para o *heavy metal*. No *heavy metal* parece que isso se acentua. O jovem que na década de 80 começou a curtir o “peso das guitarras” era muito novo e não tinham idéia do efeito desse tipo de música na sociedade tradicional e conservadora. As primeiras bandas do fim da década de 70 para o início de 80, já estavam formadas, possuíam material e fama no meio *underground*⁴⁵, como Stress, Azul Limão, Dorsal Atlântica, Metalmorphose. Estes artistas entraram em cena trazendo um metal com o perfil do *rock* nacional⁴⁶, mas já causando desconforto nas instituições sociais – Igreja, família e Estado.

Os primeiros anos (final de 70 e início da década de 80) foram caracterizados por uma mudança no perfil da música no Brasil. Nesse período estava entrando em cena um novo segmento movido por uma sociedade jovem que ansiava por um som mais pesado, com força, energia, e atitude. Os lançamentos começam a surgir a partir de 1982 até 1985. Algumas bandas lançam discos completos e outras apenas pequenas amostras conhecidas por “*demos*”, mas o que mais vai circular são coletâneas com várias bandas, pois o

⁴⁵ *Underground* refere-se aos artistas que ainda não tem reconhecimento do grande público. Sua fama se limita apenas a pequenos grupos e todo o registro fonográfico é geralmente custeado pelo próprio artista, que na maioria das vezes não tem gravadora e lança material independente.

⁴⁶ *Rock Nacional* são as bandas que já tinham carreira no Brasil e um espaço nas gravadoras. Tinham discos, empresários e marketing em torno delas como os Titãs, Paralamas do Sucesso, Roberto Carlos, Mutantes e muitas outras. O *heavy*, por sua vez, é caracterizado por um estilo mais radical e pesado. Sua identificação está nos homens de cabelos longos, roupas pretas, camisetas de banda com imagem dos discos, tatuagens e muitas outras coisas que resultam em uma caracterização maior do estilo em questão.

que importava na época era ter o registro de seus trabalhos, mesmo que a gravação deixasse a desejar em alguns casos ou até mesmo o som não agradasse a muitos.

O grupo Stress começou como uma banda *cover*⁴⁷ em 1975, e se intitulava Pingo D'água devido à bateria da marca Pinguim ter um formato de uma gota de lado. Suas apresentações eram de pequeno porte, apenas em festas de aniversário e em festivais escolares. Em seu repertório estava o *rock* dos conjuntos dos anos 60, como Rolling Stones, Nazareth, Sweet, ELP, Focus, Bad Company e outros. No primeiro show oficial da banda, em agosto de 1977, já havia mudado o nome para Stress e seu perfil, no que diz respeito ao estilo de rock, começava a mudar para o *heavy metal* clássico do Led Zeppelin, Deep Purple, Black Sabbath e outras bandas internacionais dos anos 70. Em 1978, surgiram as primeiras composições, que iriam despontar no primeiro disco da banda em 1982. Na gênese o conjunto já pensava em fazer um som mais agressivo, pesado e diferente de tudo já criado, de modo que são considerados pioneiros do *heavy metal* na América Latina. Assim como o Stress, o Vulcano que garantiu uma carreira sólida nos anos oitenta, o Karisma (mesmo que gravando apenas um disco em 1983) deu sua contribuição também para a formação da cena metálica no Brasil fazendo muito sucesso em nossa terra. Ambas estas duas últimas bandas formadas no início da década em São Paulo tiveram a gravação de seus LPs respectivamente em 1986 e 1983.

3.3 Análise das letras e do contexto em que elas foram criadas

Antes de começarmos a analisar as canções é importante entender como essa análise será feita. Segundo Marcos Napolitano⁴⁸ ao escolhermos uma canção como fonte histórica ou material didático, o profissional pode achar que seu gosto, sua sensibilidade e seu senso crítico são suficientes para a análise, e é

⁴⁷ *Cover* é a palavra que designa a interpretação de uma música por outro artista diferente do original.

⁴⁸ NAPOLITANO, Marcos. *História e Música: história cultural da música popular*. 3ed. Belo Horizonte: Autentica, 2005. p.94-108.

nesse ponto que devemos dar uma melhor atenção. Primeiramente é preciso escolher a fonte, a qual deve estar coerente com o objetivo da pesquisa. É necessário conhecer não só a quem ela fala, mas também ao ambiente em que ela estava inserida e o contexto de sua produção (NAPOLITANO, 2005).

Estruturalmente as canções operam com uma série de linguagens, poéticas e musicais, e com a mensagem que é passada em uma série de informações sociológicas, históricas, biográficas e estéticas. Quando escolhemos uma música, precisamos olhar quais temas nos nortearão dentre estes citados e usar o que mais dominamos. De certa forma, a tendência é vê-los em conjunto numa ação interdisciplinar. Então, se o historiador faz uma leitura apenas no aspecto crítico e histórico, muitas vezes acaba esquecendo outros também de suma importância, como a melodia, o gênero musical, arranjo e ritmo, e, portanto, corre o risco de perder o sentido global que a letra pode trazer.

Encontrar as informações básicas das letras como o tema geral, quem fala, pra quem fala, como elas interagem, seu andamento rítmico, formas poéticas, como a música é narrada, a entonação da voz, o instrumental da banda, efeitos, clima, arranjos, e os sentimentos que elas expressam no conjunto da letra com a música. Logicamente, nem sempre é possível considerar tantas informações, mas deve-se ficar atento para o que a canção pode oferecer para a sua interpretação.

Tendo feito isso, passamos para uma visão contextual da escrita da canção. O artista que escreve suas canções dialoga com estruturas sociais diversas e lança seu olhar sobre elas. Ainda segundo Napolitano (2005), deve-se levar em conta quatro instâncias contextuais da canção: Criação (o artista dialoga com uma ou mais tradições estéticas e sua obra é produto de uma subjetividade artística não isolada. Como por exemplo, palavras podem remeter a dois significados, uma metáfora ou um sujeito); Produção (a obra do artista em produção comercial); Circulação (é o privilégio de circulação e a escuta de uma canção, bem como os meios no qual ela é difundida, ou seja, rádios e televisão); Recepção (é como os grupos sociais recebem aquela canção em seu contexto).

Com a análise das letras tentarei mostrar como estes grupos pensavam e agiam vendo a sociedade e a religião, por exemplo, de uma maneira diferente. Usando canções mais fortes e em português muitas bandas acabaram

alcançando seu objetivo de mostrar a sua visão da realidade, criando críticas sociais, mudando o pensamento do jovem brasileiro que estava criando um som novo, uma nova atitude, percepção e identidade a partir do heavy metal. com isso uma nova geração de jovens foi se constituindo no Brasil e facilmente estes meninos e meninas escolheram o metal não apenas sendo um estilo musical, mas uma maneira de se afirmar perante a sociedade.

Como já foi dito anteriormente no ano de 1986 o então presidente José Sarney criou o Plano Cruzado. Através deste plano foi possível que muitas bandas lançassem os seus LPs, Splits e demos. Foi o caso das bandas Dorsal Atlantica, Azul Limão, Ratos de Porão, Korzus, Sarcófago, Overdose e Holocausto, entre os anos de 1986 e 1987. Essa política econômica do governo mesmo tendo feito muito mais mal do que o bem aos cidadãos, deu oportunidade de muitas bandas crescerem, pois crediários e compras a prestação foram feitas com mais frequência. Dessa forma as bandas puderam começar a gravar seus discos, comprar novos instrumento, adquirir discos de outras bandas e fazer as viagens para tocar em outros Estados.

Na década de 80 muitas bandas do cenário mundial do *heavy metal* compuseram suas letras com mensagens ligadas à Guerra Fria, satanismo e ocultismo, sobre o a cena *heavy* em si e sobre a liberdade de expressão. No Brasil, a tendência segue quase sempre a mesma linha de pensamento, como acontece com a banda carioca Azul Limão, na música “Johnny voltou”, na qual expressa o que muitos jovens sentiam na época em que o heavy metal e o rock tornaram-se o novo som dos jovens, sua ideologia e principalmente estilo de vida. O personagem Johnny pode ser relacionado às bandas de *rock* e isso é perceptível no refrão quando se diz: “*Johnny voltou, Johnny voltou, Johnny voltou pra tocar rock'n roll*”.

Johnny voltou (Banda Azul Limão⁴⁹)

Há muito tempo não rolava
aquele *rock* que eu esperava
só se ouvia discoteca
um baticum uma meleca
Com muito tempo de estrada
o *rock* volta pra parada

⁴⁹ Banda formada em 1981 no Rio de Janeiro. A origem de seu nome pode ser um tom de cor azul ou ainda uma gíria referente aos efeitos da droga LSD.

pra acabar com o que não presta
pra acabar com a discoteca

Johnny voltou, Johnny voltou,
Johnny voltou pra tocar *rock'n roll*

A noite toda eu vou dançar
o *rock'n roll* que ele tocar
essa loucura me chamou
e correndo pra lá pra onde eu vou
Johnny agora é superstar
toca a guitarra até quebrar
anunciando o fim do show
e a vida eterna ao *rock'n roll*

Os elementos figurados encontrados nesta canção são “discoteca”, que remete às músicas que eram tocadas na época e também ao local onde muitos iam para dançar e ouvir o pop dos BeeGees, Michael Jackson, por exemplo, e “Johnny”, que, nesse caso, representa a figura das pessoas que escutam *rock* e *heavy metal*. A música segue uma linha rítmica um pouco dançante e acelerada. A batida lembra o rock anos 60 e 70, bem como o estilo de *rock* muito difundido por artistas mais populares do Brasil, como Roberto Carlos, Erasmo Carlos, dentre outros. Pode-se perceber também que o contexto histórico no qual esta música foi criada era ainda o do início de muitas bandas de *rock* e no qual o *heavy metal*, mesmo sendo conhecido, ainda não tinha espaço na mídia, nas rádios e na televisão. Nesse sentido, era necessário ganhar “território” lançando *demos*, incluindo poucas canções, para posteriormente trazer a proposta real da banda. A difusão dessas músicas ficava por conta das Rádios e, algumas vezes, dos programas de TV. O público dessas bandas era formado por jovens de classe média, geralmente das regiões metropolitanas.

Os primeiros grupos de metal nacional compunham suas canções em português, inspiradas pelos artistas brasileiros de *rock* que já tinham uma carreira sólida no cenário nacional, como Os Mutantes, Secos e Molhados, Raul Seixas e muitos outros. No começo da década de 80 não existia ainda a ambição de alcançar o público estrangeiro e, dessa forma, estas primeiras bandas usaram o idioma nacional para alcançar uma maior audiência do público. Já em 1985, aconteceu o Rock in Rio que, como vimos no capítulo anterior, foi um divisor de águas na história do *rock* nacional. A partir desse festival, os novos grupos de metal que estavam para surgir e os que já existiam viram nos artistas

internacionais uma fonte de inspiração para as futuras criações, de modo que começaram a substituir as composições em língua portuguesa por composições em língua inglesa. Por esse ponto de vista, esse seria o melhor idioma para o *heavy metal*, por se tratar de um estilo musical internacional, que tinha o inglês como língua padrão do *heavy*.

Uma das bandas clássicas do metal nacional, o Azul Limão iniciou sua carreira no começo dos anos 80 com o guitarrista Marcos Dantas, o baixista Vinícius Mathias, Beto Martins na guitarra, e Sales na bateria, sendo esta sua primeira formação.

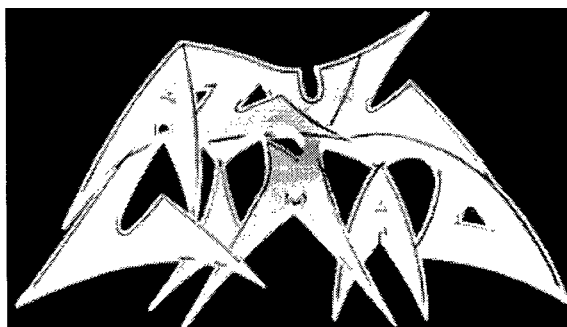


Figura 07: Logomarca do grupo Azul Limão

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/7/8/8/5/7885_logo.jpg



Figura 08: Integrantes do grupo Azul Limão

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/7/8/8/5/7885_photo.jpg

Na imagem acima (Figura 08) é mostrado a banda com um visual característico das bandas de *heavy metal midlands*⁵⁰, como Black Sabbath, Judas Priest e Iron Maiden. O tom azul e o cenário de uma ferroviária dão um sentido de bairro industrial antigo e abandonado. Em meados de 1982, a banda resolve parar suas atividades por um certo tempo, por não conseguir um vocalista fixo e devido às trocas sucessivas de baterista. Em 1983, voltam com o vocalista Rodrigo Esteves e lançam uma demo⁵¹ independente, ou seja, sem gravadora, com três músicas: Azul Limão, Pégasus e Johnny Voltou. A banda, por mais que tivesse uma boa formação de músicos, só lançou dois álbuns completos. O primeiro em agosto de 1986, intitulado *Vingança* (gravadora Heavy Discos do Rio de Janeiro), que fez sucesso entre o público brasileiro com o hit "Satã Clama Metal". No ano seguinte, lançaram o seu segundo álbum pelo selo independente Point Rock, intitulado "Ordem e Progresso" que tem uma qualidade musical tão boa quanto o anterior, mas isso não foi suficiente para que a banda "decolasse", sendo considerada apenas como uma banda Cult e clássica do metal nacional. O grupo encerrou suas atividades em 1990, quando o vocalista Rodrigo Esteves resolveu dar segmento ao seu trabalho de canto lírico na Europa.

O Azul Limão se manteve até o fim da década de 80 com suas músicas tocadas em português. Não se sabe se este teria sido o motivo da banda não ter emplacado uma carreira mais sólida, contudo, não se pode negar que foram muito importantes para os novos grupos que surgiram posteriormente no Brasil. Ainda hoje, a banda se reúne esporadicamente para tocar em shows quando o vocalista Rodrigo Esteves vem ao Brasil. O guitarrista e membro fundador saiu da banda em 1989 para formar o X-rated, banda de *hard rock* que toca suas canções em inglês, lançando uma demo em 89 e um álbum completo no ano de 1990.

A foto da banda (Figura 08) traz seus integrantes fazendo caras e bocas de maldade e rebeldia, muito comuns entre os grupos do segmento *thrash*. Os adereços encontrados na imagem são braceletes *spikes*, *bullet belt* (cinto de balas) jaquetas e calças escuras com correntes na cintura, fazendo parte do

⁵⁰ Bandas de *heavy metal midlands* são os grupos que surgiram em bairros operários na Inglaterra e Estados Unidos.

⁵¹ "Demo" é a forma de o artista mostrar seu trabalho para as gravadoras. Gravava-se uma fita com algumas músicas, geralmente duas ou três, e passavam a distribuí-las nas gravadoras.

discurso da imagem que a banda quer passar, de violência e radicalismo. São adereços e posturas típicas das bandas estrangeiras como o Celtic Frost e Destruction.

Assim como o Azul Limão, surge o Dorsal Atlântica, no Rio de Janeiro, em 1981, com os membros Carlos “Vândalo” (guitarra e voz), Calúdio Cromagnon (baixo) e Marcos Animal (bateria): formação da época do álbum Split Ultimatum (disco que lançou a banda nos veículos de comunicação).

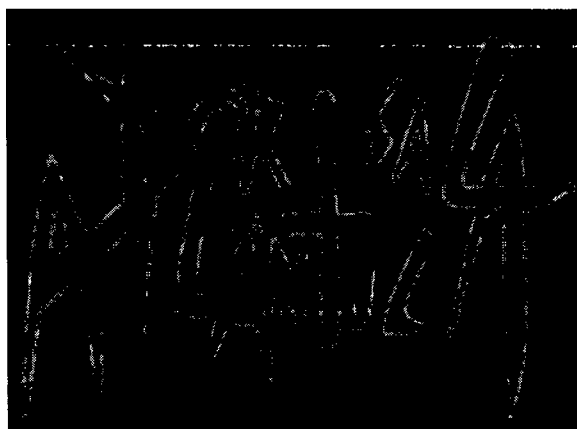


Figura 09: Logomarca da banda Dorsal Atlântica

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/2/0/9/2/2092_logo.jpg



Figura 10: Integrantes da banda Dorsal Atlântica

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/2/0/9/2/2092_photo.jpg

O grupo faz um *thrash metal* com pitadas de *punk hardcore*⁵². Suas letras em tom poético falam dos valores da sociedade moderna – pobreza, espiritualidade, críticas sociais à cena do metal. O membro fundador da banda é Carlos “Vândalo” Lopes, que fez parte da banda desde o início de suas atividades, quando ainda era aluno de ensino médio prestes a fazer vestibular em 81, até o fim de suas atividades, 20 anos depois, por causa do desgaste na relação com os integrantes e desinteresse de tocar *heavy metal*. Em 1985, a banda se esforçou para tentar lançar o *split* *Ultimatum*, lançado no primeiro dia do Rock in Rio e aproveitando o evento para vender de mão em mão seus LPs para a multidão de *headbangers* que foram apreciar as bandas estrangeiras. Uma dessas músicas, que se tornou um clássico da banda, é “Princesa do Prazer”.

Princesa do Prazer (Dorsal Atlântica)

Vestida em couro negro
Minissaia e salto alto
Vai desfilando
Sua beleza pelo asfalto

Ela é uma deusa
A princesa do prazer
Todo dia, um homem novo
Vem teu corpo conhecer

Princesa do prazer
Seu horário é nenhum
Seu lugar é qualquer
Seu parceiro não importa
Se for homem ou mulher

Pobre garota
Do corpo de aluguel
Teu lar inconstante
É um quarto de motel

O *heavy metal*, como um gênero musical que prima pela rebeldia, trata na música “*Princesa do Prazer*” do tema da prostituição. A prostituta é, assim como os *metalheads*, uma figura deslocada na sociedade, vista como alguém fora do círculo social comum. É chamada de ‘*Princesa do Prazer*’ em razão dos desejos carniais que a mesma sacia em favor dos homens. Em sua primeira estrofe, a letra

⁵² *Punk Hardcore* é a vertente do *punk* que surgiu depois da década de 70. A etimologia do nome “*hardcore*” quer dizer, “duro”, “extremo”, “radical”. Era o *punk* levado ao extremo na época, o qual estava ligado também à ética do “Faça Você Mesmo”. O movimento *punk* é também conhecido por apresentar postura contrária ao *rock* progressivo, e pela filosofia da contracultura, adotando posturas radicais políticas e sociais, e, em alguns casos, anarquistas.

descreve a vestimenta estereotipada da "mulher da vida" que vai de encontro às mulheres "sérias", "certinhas". A segunda estrofe mostra a efemeridade da sua profissão "todo dia um homem novo vem teu corpo conhecer" a terceira estrofe remete ao local e horário de trabalho da mesma, mostrando que é incerto, bem como a impossibilidade de escolher parceiro. Por fim, no último parágrafo, a letra cita as condições das mulheres que vivem de vender seu corpo, o sentido de "pobre garota", não no sentido de pobreza financeira, mas de não poder se relacionar em plenitude com outro ser humano estando sempre desconfiada, pois não sabe se as pessoas a vêem pelo que ela é ou se a vêem pelo que ela pode oferecer carnalmente. O verso "teu lar inconstante é um quarto de motel" mostra a peregrinação da mesma e as suas dificuldades.

A sonoridade da música é caracterizada por um tom agressivo e chega a passar a idéia de crítica social, em razão de a voz estar carregada de ódio e desgosto. O impacto da música, se nos reportarmos ao período histórico de sua composição, foi muito forte. Um som pesado aliado à letra de grande impacto social por tratar a prostituição como tema principal em um período em que o Brasil ainda estava saindo do regime militar, chama atenção de grupos sociais mais conservadores, como a Igreja, que sempre combateu o uso do corpo como trabalho.

Dessa forma, a banda vai seguindo uma linha de composição sempre com o intuito de chocar o meio social no qual ela estava inserida, para, portanto, ganhar notoriedade. No Rio de Janeiro, a rádio que divulgava o material *heavy* era a rádio Fluminense, citada em revistas da época, como Rock Brigade e a Metal.

A capa do seu primeiro disco da banda Dorsal Atlântica - Antes do Fim⁵³ (Figura 11) mostra uma caveira cravejada de pregos. A caveira é um símbolo muito comum na cena *heavy* mundial. Neste álbum, ela pode estar se referindo à cena metálica em si, pois é uma caveira com olhos e que retrata a discriminação social que a cena sofre por parte da sociedade e da indústria musical. A música

⁵³ Primeiro álbum da banda lançado em 1986 pelo selo Lunário Perpétuo, São Paulo. O selo hoje já não existe mais.

analisada não faz parte da capa em questão, contudo, o álbum “Antes do Fim” trouxe muitas outras temáticas polêmicas que estavam em voga na época, como a AIDS.



Figura 11: Capa do primeiro álbum da banda Dorsal Atlântica, de 1986

Fonte: <http://www.metal-archives.com/images/6/3/8/8/6388.jpg>

HTLV-3 (Dorsal Atlântica)

A decadência moral do mundo faz destruir o próprio mundo
O tempo é curto, a morte é rápida
Alma e corpo vulneráveis

As pessoas se incomodam com a “liberdade” que o mundo tem
Se aproveitam de uma doença
Discriminar mais as minorias

Quatro letras condenam à morte
Foram escolhidos
Teu sêmen vai gerar mortos
Teu sangue, veneno maldito
HTLV-3 destrói

Verdadeira caça às bruxas promovida pela imprensa
Achem os culpados para salvar as famílias dos burgueses

Ninguém mais quer chegar perto
Teus amigos se afastarão
Uma vida normal é impossível
A dor do exílio, tua maldição

As pessoas se esquecem dos amigos do passado
São inimigos no presente, maldita condecoração

A música fala de um tema muito polêmico da década de 80, que foi a descoberta da AIDS, e faz também uma crítica à imprensa sensacionalista, quando ele diz: “*Se aproveitam da doença/ discriminar minorias/ Verdadeira caça às bruxas promovida pela imprensa*”. Além disso, traz uma mensagem de crítica social às pessoas que julgam mal os portadores da doença, que muitas vezes é associada ao homossexualismo, como é mostrado na segunda estrofe. Por tratar de uma doença venérea ligada ao sexo, a música ganha repercussão na mídia, que faz uma verdadeira “caça as bruxas”. Por fim, na última estrofe podemos perceber que o intuito da banda era mostrar mais uma das mazelas sociais. O Dorsal se tornou uma banda muito importante no Brasil da década de 80. Teve alguns discos em português e, no terceiro LP, já começou a ter canções em inglês. Em 1988 antes de gravarem o seu segundo disco, já fizeram um pequeno EP⁵⁴, com apenas cinco músicas em inglês. Posteriormente, estas mesmas músicas e mais outras estariam no álbum “Dividir e Conquistar”. Depois dessa passagem, a banda parece perder um pouco do seu perfil antigo de crítica social direta, mas suas letras mesmo no inglês ainda tinham um cunho inconformista.

Em São Paulo, a cena *heavy* foi a que teve mais grupos entre os anos de 1980 até 1990. Talvez em função de ter muitas lojas de discos, ser um grande centro urbano e comercial e também por que muitas gravadoras independentes estavam à procura de novos talentos, como a Heavy discos e a Barato Afins (pioneira dos independentes).

A história do selo Barato Afins⁵⁵ começou em 1978 quando ainda era uma loja de discos na cidade de São Paulo. A idéia de se tornar um selo independente surgiu quando Arnaldo Batista, ex-vocalista e baixista dos Mutantes se reuniu com o dono da loja em questão, Luiz Calanca, para lançar seu segundo álbum solo independente. Dessa forma, ela passou de uma loja de discos para um selo independente que difundiu discos importantes da cena *heavy metal*, como as

⁵⁴ EP (*extended play*) é uma maneira que os artistas usam para divulgar seu trabalho. Geralmente um EP tem de 4 a 8 faixas e duração de até 35 minutos. Não é suficiente para um álbum inteiro, mas também é muito grande para um *single*. O *single*, por sua vez, é composto por uma a três faixas, com duração de até 15 minutos.

⁵⁵ Disponível em: <<http://www.baratosafins.com.br/25anosbara.htm>> Acesso em 09/06/2011.

coletâneas SP Metal, em que foram incluídos no primeiro volume as bandas Avenger, Salário Mínimo, Vírus e Centúrias.

As bandas das quais irei falar, do Estado de São Paulo, são o Korzus e o Ratos de Porão (RxDxP). O Korzus foi uma banda de *thrash metal* que teve grande aceitação pelo público trazendo músicas em português, no começo de sua carreira, quando lançaram um *split* pela Barato Afins, o SP Metal II⁵⁶. Mais tarde, esta mesma banda começou a gravar em inglês. A banda tem uma carreira sólida nos dias de hoje, com seis álbuns de estúdio, dois ao vivo e um DVD. A outra banda que será abordada nesse trabalho, é o Ratos de Porão, que foi escolhida em função de toda a repercussão que envolveu a banda na época, sendo criticada pelos seus fãs de *punk rock*, pois a mesma havia começado sua carreira como *punk*, mas passou a fazer um som com proposta voltada para *crossover*⁵⁷. Assim como o Korzus, o Ratos também começa a gravar suas músicas em português e outros álbuns em inglês, mas quase sempre com duas versões do mesmo disco, ou seja, uma em inglês outra português.

O Korzus (Figuras 12 e 13) teve início em 1984, e se tornou uma banda de *thrash metal* muito importante no começo da década de 80. Composta por Marcello Pompeu (vocal), Silvio Golfetti e Eduardo Toperman (guitarras), Dick Siebert (baixo) e Maurício Brian (bateria). Com pouco tempo de existência o Korzus marcou seu registro no mundo da música com a coletânea SP Metal II, em 1985, e a canção que veio destacar a banda nesta coletânea foi “Guerreiros do Metal”, se tornando um dos seus maiores sucessos. Logo após a coletânea, lançaram um álbum ainda em português chamado “Sonho Maníaco” em 1987.

⁵⁶ Além do Korzus, nesta mesma coletânea vieram as bandas Abutre, Santuário e Peformances, com duas músicas cada.

⁵⁷ *Crossover* é uma linha tênue entre o *hardcore* e o *thrash metal*. Em inglês, a palavra *crossover* significa cruzamento. Este foi um estilo adotado pela grande maioria das bandas de *thrash* dos Estados Unidos.



Figura 12: Logomarca da banda Korzus

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/1/0/6/2/1062_logo.JPG



Figura 13: Banda Korzus em sua formação inicial (Marcello Pompeu está sendo "devorado" pelo guitarrista Toperman. Logo acima dele está Silvio Golfetti, e à direita, Dick Siebert. Na esquerda, segurando correntes e trincando os dentes, está o baterista Brian.

Fonte: http://3.bp.blogspot.com/_JCfTOB1-Fvk/TEUNtz5ssol/AAAAAAAAALg/ixdzIH0XG90/s1600/korzus1985.jpg

Em 1987, começaram as primeiras mudanças no grupo, Toperman e Brian saíram, e entrou o baterista Zema Paes, ficando com apenas um guitarrista. Neste mesmo ano, foram para estúdio gravar o seu primeiro LP, "Sonho Maníaco", pela Devil's Discos, o qual teve boa receptividade tanto pela crítica quanto pelo público. As letras das canções do disco em questão vieram com temáticas mais pesadas, como as usadas no *black metal* do Venom⁵⁸, ousando

⁵⁸ Banda Inglesa que é considerada a pioneira do estilo *Black Metal*. Suas músicas trazem mensagens ligadas ao demônio, histórias de terror, contos macabros, e prega principalmente o satanismo.

bastante nos títulos das músicas como: Anjo do Mal, Juízo Final, Suicídio, Caminhando nas Trevas, Sonho Maníaco, Paraíso da Morte, Guerra Nuclear. No segundo semestre de 87 eles perdem um de seus integrantes, o baterista Zema Paes, que segundo a biografia no site Whiplash⁵⁹, teria se suicidado devido à influência das temáticas satânicas da banda. No disco seguinte, lançaram uma demo que já tinha composições em inglês, e daí pra frente a banda passou a adotar a língua estrangeira em todas as canções; pois já estava alcançando certo sucesso, e para se manter era necessário adotar o inglês nas suas letras.

Guerreiros do Metal
(Letra e música: Korzus)

Está na hora de rompermos todas as barreiras
Nem trovões nem tempestades mudarão nossos passos
Faremos da realidade o metal pesado
E ninguém vai conseguir nos deter

Porque lutamos pelo metal

Com a energia nós somos imbatíveis
E o poder da rapidez está em nossas veias
Nós somos os guerreiros do metal
E não adianta vocês tentarem nos vencer

Porque lutamos pelo metal

A música começa com uma introdução sombria, lembrando filmes de terror, o que remete a uma temática muito usada por outras bandas de metal, como o Black Sabbath. A temática é basicamente a mesma de muitas bandas que estavam começando, ou seja, falar da luta pela cena *heavy metal* no Brasil e vencer as barreiras impostas pela sociedade, bem como pelas gravadoras, a luta por um selo de “renome”. Esta temática é bastante abordada nos primeiros cinco anos da década de 80 e geralmente saem nas primeiras *demos*, ou nas coletâneas. Dessa forma, estas canções serão de grande importância para o metal nacional, pois elas se tornam, muitas vezes, os hinos das bandas, criando certa consciência de militância em prol da “filosofia *heavy*”. Este era o contexto da época, os conjuntos traziam nessas coletâneas músicas agressivas, de impacto, chocando a sociedade e dando uma amostra do que estava por vir, ou seja, o

⁵⁹ Disponível em: <<http://whiplash.net/materias/biografias/038732-korzus.html>> Acesso em 10/06/2011

heavy metal brasileiro e sua identidade. Poucas bandas, no entanto, conseguiram ter uma boa aceitação do público, e acabaram deixando poucos registros de seus trabalhos, pois era um mercado extremamente competitivo, não havendo espaço nem recurso para tantos talentos.

Ainda em São Paulo, o grupo Ratos de Porão (Figura 14), composta por João “Gordo” (voz), Jabá (baixo), Jão (bateria) e Mingau (guitarra), tinha uma postura *punk hardcore*, mas logo no começo de sua carreira passou a adotar o *crossover* também como estilo musical, gerando descontentamento por parte de seus fãs da cena *punk*. Em 1984, lançam o disco “Crucificados pelo sistema” com uma proposta voltada ainda para o *punk hardcore*. Logo depois deste lançamento, João “Gordo” (vocalis) sai da banda em 1985. Lançam um ao vivo (“Ao Vivo na Lira,” *Split* com o Cólera pelo selo Ataque Frontal) e, depois deste disco, João Gordo volta para o grupo, ainda no mesmo ano de 1985. A partir daí, começam a usar um som mais *heavy*, com a intenção de fazer essa mistura do *punk* com o *heavy*, já que nessa época o metal tinha caído no gosto de uma boa parte dos jovens de classe média.



Figura 14: Logomarca da banda Ratos de Porão

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/1/4/5/5/14558_logo.jpg

Em se tratando dos temas abordados nas letras, estão os problemas sociais e políticos – ódio, rebelião e guerras. No segundo disco, de 1987 (“Cada dia mais Sujo e Agressivo”, selo Cogumelo Records) a banda começa a compor nas duas línguas – português e inglês. Sua sonoridade é influenciada pelo grupo americano de S.O.D. (Stormtroopers of Death, apologia ao filme Star Wars, no qual este era o nome dos soldados do lado negro da força). Na letra da música “Crise Geral”, por exemplo, o Ratos faz uma crítica à sociedade brasileira que se encontrava em crise econômica.

Crise Geral / General Crisis

(Letra João "Gordo" / Música Ratos de Porão)

Falam de anarquia
 De lutar para viver
 O povo hoje em dia
 Aprendeu a perecer
 A apatia é grande e a crise é geral
 Se lembram disso sempre
 Se esquecem no carnaval
 Olhe para sua vida
 Tá difícil para danar
 Falta isso, falta aquilo
 Mas pinga não vai faltar
 A seleção é grande
 A novela é legal
 A vida é mais dura
 Só depois do carnaval
 A apatia é grande e a crise é geral

A música usa basicamente uma temática contextualizada em seu dia-dia. Usa uma narrativa rimada e critica a sociedade brasileira da época que vivia em crise. Este contexto, no entanto, não engloba apenas o Brasil, mas sim todo o mundo, principalmente os países aliados dos Estados Unidos, que dependiam de seu capital. No entanto o que mais chama atenção é a maneira como a crítica é feita, falando das preocupações da sociedade brasileira enquanto o mundo vive uma crise econômica. Futebol, carnaval, novela e bebida criam uma imagem do brasileiro alheio a tudo que acontece à sua volta, se preocupando apenas com o entretenimento e futilidades. A sonoridade da canção é agressiva e dá uma ideia de protesto e ódio, cantado com um vocal rasgado e uma bateria que oscila, hora lenta, hora mais veloz, com as guitarras com bastante peso, coisa muito comum na época. Já na canção "Plano Furado", do mesmo disco, criticam o Plano Cruzado lançado pelo governo em 28 de fevereiro de 1986, pelo então presidente José Sarney. A interpretação de João "Gordo" na voz cria uma imagem de fúria diante dos fatos narrados. A música é narrada de acordo com a cronologia dos fatos históricos onde a primeira estrofe representa os primeiros meses das medidas aplicadas pelo governo e, entre a primeira e a segunda estrofe, podemos remeter à época de descontentamento da população.

Plano Furado

(Letra João "Gordo" / Música Ratos de Porão)

Planejaram febrilmente o Brasil ia mudar
 Congelaram a Pátria amada
 Botaram as coisas no lugar
 Todo mundo, o mundo inteiro
 Essa farsa engoliu
 O povo se fudeu e o Brasil faliu
 Deu tudo errado
 Plano furado
 Eles não fraquejaram
 Prometeram que iam ver
 Uma desculpa nova e o plano refazer
 Refizeram a Constituinte com um grande bacanal
 Não rifaram o Brasil porque era ilegal!!!
 Deu tudo errado
 Plano furado
 Pediram para igreja gentilmente ajudar
 Cobrando entrada na missa que os fiéis possam pagar
 O Papa interveio e disse logo: - Filhos meus! o plano é de vocês.
 Mas o dinheiro é de Deus!!!

Seguindo ainda a mesma linha da música anterior, o Ratos de Porão faz uma crítica direta ao governo de José Sarney contextualizando o momento histórico segundo sua visão. A idéia seria substituir o cruzeiro por uma moeda forte (o Cruzado) na proporção de 1000 por 1, de modo que houve reajuste do salário mínimo, congelamento dos preços dos produtos e da taxa de câmbio, até que a situação estivesse favorável. Dessa forma, o país parecia caminhar, teoricamente, para dias melhores. No entanto, o povo não entendia o que estava acontecendo nos meandros da economia e preferia acreditar nos atos do seu novo presidente. Segundo o autor Boris Fausto, as medidas no campo salarial proporcionaram uma certa folga às camadas mais pobres da população e crescia o clima de otimismo no país (FAUSTO, 2004). Em novembro do mesmo ano, começou a crescer entre a população um sentimento inverso. A euforia do Plano Cruzado dava lugar a um clima de decepção e de desconfiança por parte da população quanto aos rumos que a economia estava levando. Nesse contexto, a letra do Ratos vem mostrar justamente esta idéia de descontentamento por uma parte da população, a qual estava vendo uma falência no panorama geral do país.

Em função do Plano Cruzado, no ano de 1986 muitas bandas começaram a viajar pelo país fazendo cada vez mais apresentações. Isso foi um fator

importante não só para os grupos como também para as gravadoras que foram beneficiadas pela euforia consumista de discos principalmente no ano em questão. Resultado de uma política de investimento econômico do Governo onde controlava a inflação, de aumento no salário mínimo e com isso cresceu o otimismo da população. Como explica Lázaro José de Medeiros em sua monografia sobre o rock Brasileiro nos anos 80:

Para isso, efetivou um congelamento de preços e salários, que foram reajustados no valor médio dos últimos seis meses mais um abono de 8%. Criou uma nova moeda, o Cruzado, que substituiria o Cruzeiro na proporção de 1000 por 1, assim como o chamado gatilho salarial, que consistia no fato de que a cada 20% no aumento da inflação os salários seriam automaticamente reajustados. (...) Nesse contexto do Plano Cruzado e das eleições de 1986, que ocorreram pouco mais de um ano após o Rock in Rio, várias bandas passaram a fazer cada vez mais apresentações e viajar por todo país, assim como foram beneficiadas pela euforia consumista gerada pelo Plano Cruzado, citado acima, que se fez bem presente no consumo de discos, principalmente no ano de 1986.⁶⁰

Dessa forma o povo ganhou um maior poder aquisitivo o qual dava a ilusão de uma melhoria econômica e que o país realmente estava caminhando economicamente. No entanto este cenário durou pouco tempo, pois aos poucos o povo começou a enxergar a fantasia do Plano Cruzado. Os produtos comprados a prazo e a prestação geravam altos juros chegando a quase três vezes o valor original do artigo.

Em Minas Gerais, surgiram mais bandas do estilo thrash, death e Black metal. No entanto, é nesse Estado que a Cogumelo Records vai nascer e difundir muitas bandas do metal nacional com coletâneas, *Splits* e LPs. Antes de se tornar um importante selo independente, a Cogumelo foi uma loja de discos fundada em 1980. Em 1985, com o estouro do Rock in Rio e da cena *heavy* no Brasil a pequena empresa passou para o mercado de selos independentes, gravando e

⁶⁰ CUNHA, José Lazaro de Medeiros. *A gente somos inúteis? Tematizações, Representações e Identidades no Rock nacional dos anos 80*. Monografia apresentada ao Curso de História, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal/RN, 2007.

difundindo bandas mundialmente conhecidas como Sarcófago, Overdose, Sepultura e Holocausto.

Formada em 1985, a banda Holocausto (Figura 15) teve seu primeiro registro no metal nacional através da coletânea Warfare Noise, mas antes deste fizeram uma *demo tape* para concorrer com outras bandas e fazer parte da coletânea Warfare Noise. Com a formação Nedson (Bateria), Marco (Baixo), Rodrigo (Vocal) e Valério (Guitarra), gravaram a sua primeira música para entrar na coletânea Warfare Noise I, intitulada Massacre.

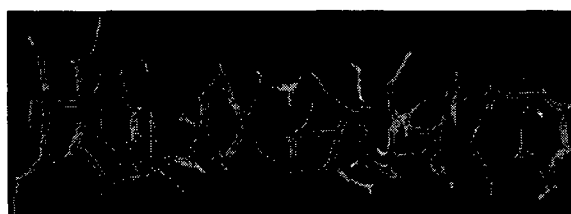


Figura 15: Logomarca da banda Holocausto

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/2/3/5/6/2356_logo.jpg

Faziam letras criticando todo tipo de guerra no mundo, como a Segunda Guerra Mundial, Guerra no Vietnam e muitas outras. Uma coisa importante a se comentar sobre o grupo é que a temática das letras era muitas vezes incompreendida pela sociedade e pelos fãs de metal, pois achavam que os membros faziam apologia ao nazismo e ao terrorismo. Antes da gravação da *demo tape*, o baixista Marco morreu afogado num acampamento com os amigos e foi substituído por Anderson “guerrilheiro”.

No disco Warfare Noise I, lançado em 1986, participaram as bandas Chakal, Sarcófago, Mutilator e Holocausto. Sendo esta última a única que cantava em português. O ano de 85 é considerado um marco, pois é neste momento que muitas bandas optam em gravar em inglês, deixando a língua pátria para umas poucas que já tinham carreira sólida e um repertório maior de canções.

O Holocausto (Figuras 16 a 19) entra em estúdio em Março de 1987 para gravar o disco Campo de Extermínio considerado hoje um clássico da banda e do *thrash* nacional. As músicas agora tendem para uma temática mais pesada relatando todos os conflitos bélicos da humanidade do século XX. É interessante

notar que, no período em questão, o som das bandas aliado às letras com temáticas extremistas eram bastante comuns, pois era como se cada uma delas quisesse mostrar quem chocava mais, quem tocava mais pesado. Sendo assim, optar por um som como o *thrash*, *death* ou *black metal* era de suma importância para estes jovens, já que estes segmentos traziam o que existia de mais radical, chocante e pesado, e com as canções de temáticas satânicas, guerras e crítica social, formavam assim a receita perfeita para aceitação do seu público e desagrado dos demais.



Figura 16: Valério "exterminator" (guitarra)

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/1/2/8/8/12885_artist.jpg?071



Figura 17: Anderson "guerrilheiro" (baixo)

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/4/2/2/4/42243_artist.jpg?081

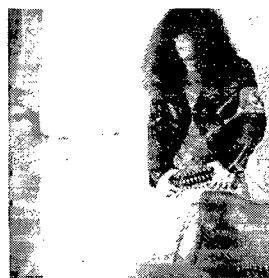


Figura 18: Armando "Nuclear Soldier" (bateria)

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/4/2/4/0/42404_artist.jpg?060



Figura 19: Rodrigo "Führer" (voz)

Fonte: http://www.metal-archives.com/images/4/2/4/3/42432_artist.jpg?094

Nas imagens anteriores (Figuras 16 a 19), a banda demonstra uma postura obscura escondendo o rosto com os cabelos longos, adotando apelidos que criam e ratificam a imagem de postura radical ligada a guerra, nazismo e destruição, tudo isso ligado a imagem cunhada pelos fãs denominando-os de "War-Metal". em função disso os apelidos dos integrantes tem ligação direta com signos de guerra tais como, guerrilheiro e soldado nuclear ("Nuclear Soldier"). Estas imagens foram retiradas da capa do primeiro disco "Campo de Extermínio".

As primeiras músicas do Holocausto falam dos horrores que as guerras causaram na humanidade, as dificuldades e o medo que elas causaram. Já no primeiro disco, as músicas Campo de Extermínio e Reich III citam fatos, segundo o seu entendimento dos mesmos, o sofrimento causado pelo nazismo ao povo semita.



Figura 20: Capa do disco "Campo de Extermínio", lançado pelo selo Cogumelo Records em 1987.

Fonte: <http://www.metal-archives.com/images/1/0/1/8/10187.jpg>

Este disco (Figura 20) traz uma imagem de um soldado nazista segurando um cachorro que está mordendo um judeu num campo de concentração. Atrás do soldado estão restos mortais de outras vítimas na forma de caveiras e ossos. Na parte de trás, há uma torre de vigia com uma sentinela vigiando o campo, o qual está envolto por cerca de arame farpado. A escuridão do céu com os trovões criam uma idéia de trevas e tempos difíceis, que a humanidade viveu na Segunda Guerra Mundial.

Campo de Extermínio

(letra e música Holocausto)

Nos campos de concentração
Soldados armados
Nazistas sádicos
Exterminam a sangue frio.

Ditadores loucos
Sentem prazer em torturar
Oficiais da Gestapo
Espalham a morte.

Anjo da Morte prega o Nazismo.

Nos fornos crematórios
Judeus queimados

Vítimas torturadas
Agonizam de dor.

Operações cerebrais
Testam a resistência humana
Cercas e muros
Impedem a fuga dos prisioneiros.

Anjo da Morte prega o Nazismo.

Nas salas de experiências
Cobaias humanas
Mentes torturadas
Corpos mutilados.

Carrascos desumanos
Sentenciam a morte
Brigada Nazista
Campo de Extermínio.

A canção começa com uma pequena introdução, onde podemos ouvir discursos como se fossem de algum ditador nazista. Logo depois disso, vem um instrumental bem arrastado, seguido de uma voz urrada e rasgada. O vocalista passa uma intenção de desespero e horror. Os instrumentos fazem um som pesado com sonoridade veloz e um pouco obscura. Na letra da canção, é perceptível a construção da imagem de personagens históricos, como Josef Mengele, médico oficial nazista mais conhecido como o “Anjo da Morte”, por fazer experiências humanas com crianças, injetando tinta azul em seus olhos dentre muitas outras atrocidades. A música retrata justamente este personagem histórico e suas façanhas.

Em nota no próprio site da banda (<http://www.holocaustowarmetal.kit.net/>) eles falam que eles não fazem de modo algum apologia ao nazismo, sendo apenas músicas de relatos históricos. No entanto, esta representação histórica causa choque e chama atenção da população em geral acusando os mesmos de seguir ideais nazistas. Era uma forma de chamar atenção e de ganhar espaço construindo seus personagens com os apelidos dos membros do grupo, citados nas imagens acima, e tocando um som mais “extremo”, ao abordar assuntos que davam maior repercussão na mídia, como as guerras.

Logo após este LP, o grupo decide fazer o próximo disco desconstruindo a idéia de que seus membros apóiam o regime nazista. No entanto, a *demo tape*

que estava pronta com as músicas desaparece e, no lugar desta, é produzido o *Blocked Minds*, lançado em 1988 pelo Cogumelo Records, no qual já constava repertório em inglês. O discurso das letras também começa a mudar, dando lugar a temas de racismo, à psique humana, guerrilhas, maldade do homem, crítica à ideologia ariana, dentre outros. Dessa forma, a banda começa a fazer as mudanças de suas mensagens mostrando o homem e suas mazelas. Na música KKK (referência ao Ku-Klux-Klan), discorrem sobre a sociedade secreta e de seu ideal racista.

KKK (Ku-Klux-Klan)
(música e letra Holocausto)

*Hidden society, radical nationalists
Foes of humankind, since children
They learn how to hate
Jews, blacks and Catholics, pursued and tortured.*

Radical Prejudice.

*Rotten entity the American Nazism
Founded to humiliate the world
Blood-bathed ideology
They hide their identities under the white hood.*

Radical Prejudice.

*Minds blocked by the rotten prejudice
Minds blocked by the hate and racism
Death, death and fear
They offend the black race with hate
Death, death and fear
Blood tears.*

*False theory, white supremacy
False entity, craziness and cowardice.*

*They fight against degeneration
From their blood
Kill innocent people
To purify your-race
Torture our feelings
Doing it remorselessly.*

Radical Prejudice.⁶¹

⁶¹ Tradução livre da música KKK (Ku-Klux-Klan):

“Sociedade Secreta, radical e nacionalista
Inimigos da sociedade, até mesmo das crianças
Eles aprendem a odiar
Judeus, negros e católicos, perseguindo e torturando.

Preconceito radical

Podre entidade nazista americana
Fundada para humilhar o mundo

A canção traz uma questão bastante em voga em seu tempo que era o racismo por parte de grupos ligados à ideologia nazista. Faz uma crítica ao grupo racista Ku-Klux-Klan, originário dos Estados Unidos e que existe desde o século XIX nesse país. O Ku-Klux-Klan foi criado para impedir que os negros recém libertos dos Estados Unidos se integrassem à sociedade adquirindo terras, por exemplo. Utilizavam capa e capuz branco para aterrorizar a população negra e esconder sua identidade.

O outro grupo sobre o qual irei tecer alguns comentários e análises é o Overdose, também de Minas Gerais. O grupo deixou seu primeiro registro musical com o *split álbum* juntamente com a banda Sepultura. Embora esta banda tenha sido ofuscada pela fama que o Sepultura ganhou neste *Split*, ela foi de grande importância para o cenário nacional. A Overdose, formada por Pedro Amorim “bozó” (voz), Ricardo Souza e Claudio David (guitarras), Fernando Pazzini (baixo) e Helio Eduardo (bateria), começou sua carreira tocando *heavy metal* clássico com pitadas de *hard rock* e *rock and roll*. Seu ano de criação é 1983, lançando sua primeira *demo* com a música “Última Estrela”. A canção fala da cena *heavy metal* de uma maneira bem simples como era o costume da época.

Última Estrela

Ideologia banhada em sangue
Escondem sua identidade sob a capa branca

Preconceito Radical

Mentes bloqueadas pela podridão radical
Mentes bloqueadas pelo ódio e racismo
Ofendem a raça negra com ódio
Morte, morte e medo
Lágrimas de sangue

Falsa teoria, a supremacia branca
Falsa entidade, loucura e covardia

Eles lutam contra a degeneração
De seu próprio sangue

Matam gente inocente
Para purificar sua raça
Torturam nossos sentimentos
E o fazem sem remorso

Preconceito radical”

(Musica e Letra Cláudio David)

Estava no meu quarto
Sem nada pra fazer
Abro a janela
E vejo o sol nascer

Dentro dos meus olhos
Vejo o azul do céu
E nele uma estrela
Que nunca vai descer

Visto qualquer roupa
Saio pela rua
Quem sabe a procura de uma aventura
Sigo aquela estrela
A última do céu
Guiando a um lugar não sei onde vai dar

Olho aquela estrela
No alto a brilhar
Ouço no infinito
O *Heavy* a rolar

Enquanto aquela estrela brilhar no azul do céu

O *Heavy* nunca vai parar de rolar

A música traz a figura do jovem típico que está em sua casa no ócio e sem objetivo na vida. A estrela é o metal, seu objetivo de vida que não está ainda ao seu alcance, mas que ele quer seguir. Dessa forma, se cria a noção de carreira musical que ele almeja, pois é um estilo de vida ainda desconhecido e não se tem noção do que o espera. Nesse momento, ele fala de sair de casa em busca de aventura, e é a partir daí que se percebe a ligação entre a cultura *heavy metal* e o estilo de vida adotado. Estas imagens faziam parte da identidade destes jovens na década de 80. As primeiras bandas criavam músicas pensando em um dia ficar famoso entre o público *headbanger*.

O segundo álbum da *Overdose* já vinha com letras em inglês e foi lançado em 1987, pelo selo independente Cogumelo Records. Dentre as dez músicas, estava a "Última Estrela". As outras nove eram "God Save the Metal", "Messengers of Death", "Children of the War", "Save our Hearts", "Peace", "Kharma", "The day After", "Rebellion" e "Prison of Conscience". As mensagens descritas nas canções falam quase todas sobre as guerras que assolavam o

mundo na década de oitenta, ou seja, as tensões da Guerra Fria e o conflito bélico da Guerra do Iran contra o Iraque.

A música para estes jovens aparece como uma prática de liberdade em sua vida, podendo se expressar da maneira que desejar. No entanto, em nosso país, esse gênero musical ganha um diferencial: seus adeptos o adotam como um estilo de vida. Muitas bandas, como Azul Limão (RJ), Kamikaze (MG), Dorsal Atlântica(RJ) utilizavam este tipo de mensagem, pois o Brasil, como já foi dito, passava por uma redemocratização, saindo de um governo de regime militar, que durou 21 anos. Nesse sentido os gêneros do *heavy metal* que as bandas mais seguiam eram os que tinham certa receptividade do público jovem de classe média, tais como: NWOBHM⁶², *thrash metal*⁶³, *hard rock*⁶⁴, *death metal*⁶⁵ e *black metal*⁶⁶. No entanto estes estilos quase sempre aparecem mesclados a outros (*thrash* misturado ao *punk rock*, *hard rock* com *heavy metal*, *death* misturado ao *thrash* e *Black*, entre muitos outros) e é nessas misturas que o metal nacional ganha sua identidade.

⁶² NWOBHM (*New Wave of British Heavy Metal*) estilo clássico do *heavy metal*, cujo termo foi cunhado na Inglaterra. Bandas que fazem parte deste segmento são: Iron Maiden, Judas Priest, **Motörhead**. Dentre elas, o Iron Maiden foi uma das que se apresentaram no Rock in Rio, e ainda hoje faz muito sucesso entre o público brasileiro. As letras falam de liberdade de expressão, seguir o caminho do *rock*, alusão a temas históricos como holocausto, a sociedade do jovem e buscar aquilo em que acreditam.

⁶³ *Thrash metal* é um estilo de metal muito comum nos anos 80. Bandas que se consagraram como tal foram Slayer, Sepultura, Kreator, Metallica e outras. É um estilo mais pesado do *heavy* e as suas letras variam de temática. Criticam o governo e as guerras nucleares, a religião cristã, a sociedade e suas mazelas.

⁶⁴ *Hard rock* é o segmento do *heavy metal* que teve maior ascensão na mídia na década de 80. As bandas que fizeram sucesso nesse subgênero foram, AC/DC, KISS, White Snake, Scorpions, Poison, Bon Jovi, dentre outras. Destas bandas as que se apresentaram no Rock in Rio foram o Scorpions e o White Snake. As músicas têm uma temática sobre viver a vida com liberdade, amores platônicos, desilusões amorosas, seguir o caminho do *rock* como um estilo de vida diferente e autêntico.

⁶⁵ É um dos estilos "extremos" do metal. A música tem uma sonoridade muito pesada e as bandas que fizeram sucesso com este estilo foram Death, Possessed, Cannibal Corpse, Napal Death, Sarcafago, Destruction, Deicide, Morbid Angel dentre muitas outras. Suas letras falam coisas ligadas a críticas à religião cristã, devastação do mundo provocada por invasão de demônios, contos de terror, contos históricos mitológicos.

⁶⁶ *Black metal* talvez seja um dos estilos mais controversos da cena metálica. Foi criado pela banda inglesa Venom. No Brasil, tornou-se um dos estilos mais aceitos pelos jovens e suas letras trazem temáticas ligadas ao satanismo, à descrença no Deus cristão ou qualquer outro deus que venha reprimir a vontade do homem. O grupo de Black/death Sarcófago, de Minas Gerais, atribuiu um novo perfil a esse segmento, pois suas letras traziam um despreço pelo cristianismo mais eschachado.

A idéia desse capítulo foi principalmente analisar a trajetória e a produção das bandas que cantavam em português, já que elas veiculavam uma mensagem mais direta para o público, pois nem todos tinham o domínio do inglês, língua predominante nas bandas de *heavy metal* do mundo inteiro. Abordamos ainda como se deu essa transição na história do *heavy metal* nacional, ou seja, quais as mudanças que a adoção do idioma estrangeiro trouxe para a cena *heavy* no país.

Dessa forma, vimos que o metal brasileiro começou mesmo na década de oitenta. No início, as bandas tocavam em português por não ter o domínio da língua inglesa e também porque queriam tentar ganhar visibilidade como as bandas de *rock* nacionais. Estas bandas de *rock* tinham a atenção das gravadoras e eram, nesse período, uma das poucas influências para os jovens seguirem carreira musical. Com o advento do Rock in Rio, esse contexto se transforma. Vendo seus ídolos do *heavy metal* ao vivo, eles puderam compreender a proposta do *heavy* e, acima de tudo, criar a sua própria identidade. As gravadoras independentes, por sua vez, deram a oportunidade para que eles ganhassem o espaço que mereciam. Assim, era necessário que o inglês fosse adotado nas canções para o som ser ouvido em outras partes do mundo. A divulgação dos selos independentes era a uma maneira mais rápida de aceitação no meio da cultura *heavy metal* mundial. Portanto, a mudança era necessária mesmo que muitas bandas, como o Azul Limão, tenham resistido em lançar suas músicas em inglês e, no caso desse exemplo, o grupo tenha se desfeito.

Considerações finais

O *heavy metal* enquanto estilo musical representou um dos meios de expressão jovem na década de oitenta, atingindo proporções globais e influenciando, inclusive, parte dos jovens brasileiros.

Essa influência não se restringiu apenas ao meio musical, relacionando-se com as mudanças de comportamento, elaboração de um visual próprio, se articulando com dados movimentos sociais presentes no contexto brasileiro, em foco nesta monografia, significando também uma continuidade no processo de renovação do *rock* como gênero musical em questão, iniciado com as bandas de metal mais extremo, como Dorsal Atlântica, Stress, Holocausto, Korzus e muitas outras.

No Brasil, estas bandas criaram letras de contestação dos costumes sociais, de crítica à religiosidade, de críticas a temas presentes nesse momento histórico, e, aos poucos, foram se moldando a modelos internacionais, se globalizando e criando também sua própria identidade. No entanto, foram deixando de utilizar a língua portuguesa em suas canções e aderindo ao inglês, entrando num processo de unificação onde esta se tornou a linguagem oficial do *heavy metal*.

Além disso, estava também presente a questão da divulgação dos trabalhos destes grupos. Os selos independentes foram a força motriz para que o metal brasileiro tivesse sua história marcada e conhecida no mundo. Além dos temas e qualidade das músicas, as condições de divulgação e a mídia (imprensa) influenciaram no processo de expansão e na formação de conceitos do estilo musical e suas ramificações e seguidores. Dessa forma, foi possível perceber que ao longo do tempo foi se definindo um perfil do jovem que escuta *heavy metal*, o chamado *headbanger*, *metalhead* ou ainda o termo criado pela imprensa brasileira “metaleiro”. O perfil deste jovem ficou caracterizado pelas suas roupas e estilo como a camiseta de banda, os cintos de bala, pulseira de *spikes*, cabelos longos, calça jeans, a rebeldia, com atitudes vandálicas e anti-religiosas. No entanto, algumas destas características trarão como conseqüência para seus adeptos a

discriminação e o preconceito, dado o impacto que certas atitudes geraram na sociedade.

Entretanto, este perfil não pode ser generalizado, pois como foi visto no decorrer do trabalho, o interesse do jovem pelo *heavy metal* foi um reflexo do contexto histórico global vivido por eles, marcado também por uma crise socioeconômica nacional, de modo que encontraram na música uma maneira de expressar sua visão de mundo, seu contexto social e uma forma de se inserir num ambiente jovem, afirmando sua identidade e postura de descontentamento.

Sendo assim, a música se tornou um elemento com muitas possibilidades para a expressão do jovem no Brasil, que por meio dela pôde mostrar sua visão do contexto social e, principalmente, sua experiência. A música, portanto, mostrou-se como elemento de diversas facetas, ao permitir que este jovem se expresse de modo cultural, político e visual, utilizando-se dela para construir uma identidade para um grupo e para uma época.

Referências Bibliográficas

BARCELLOS, Jefferson Alves de. **Música e Imagem: o movimento punk e seus desdobramentos na década de 1990.** 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP.

BRITO, Antonio Sérgio Andrade de. **Heavy Metal: a imagem distorcida.** 1996. Monografia (Bacharelado em Jornalismo) - Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA.

CHACON, Paulo. **O que é Rock?** 3. ed. Sao Paulo: Brasiliense,[s.d.](Coleção Primeiros Passos).

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CUNHA, José Lazaro de Medeiros. **A gente somos inúteis?** Tematizações, Representações e Identidades no Rock nacional dos anos 80. 2007. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal/RN.

DIAS, Marcia Tosca. **Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura.** 2.Ed, São Paulo: Boitempo, 2008.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil.** 12. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

GRUZINSKI, Serge. **O pensamento mestiço.** São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991).** 2. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.

JANOTTI JÚNIOR, Jeder S. **Heavy Metal**: o universo tribal e o espaço dos sonhos. 1994. Dissertação (Mestrado em Multimeios) apresentada à Universidade Estadual de Campinas. Campinas/SP.

LEÃO, Tom. **Heavy metal**: guitarras em fúria. São Paulo: Editora 34, 1997.

LOPES, Pedro Alvim Leite. **Heavy Metal no Rio de Janeiro e dessacralização de símbolos religiosos**: a música do demônio na cidade de São Sebastião das Terras de Vera Cruz. 2006. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ.

MARCUS, Greil. Like a Rolling Stone: Bob Dylan na encruzilhada. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música**: história cultural da música popular. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. **O que é Contracultura?**. 6. ed.. São Paulo: Brasiliense, 1988. (Coleção Primeiros Passos).

PROST, Antoine(org). **História da Vida Privada, 5**: Da primeira guerra a nossos dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org). **História da Vida Privada no Brasil**: contrastes da intimidade contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.